

Letras e Artes

Ano 2.º

N.º 79

SUPLEMENTO DE "A MANHÃ"

Rio, Domingo, 21-3-1948

UMA confusão pacífica e idílica de casinhas e jardins, pontes e colinas, ribeiros e muros. Arquitetura e Natureza indissoluvemente reunidas aos pés de um horizonte largo, infinito, feito como transparente pelas finíssimas linhas dos ramos nus de árvores isoladas perante o céu sereno, um infinito sem angústia — assim se nos apresenta a pintura chinesa. A elaboração delicadíssima, um "je ne sais quoi" de atmosfera de contos de fadas, conferem a essa pintura o encanto de uma música muito cromática, debussyana; o aproveitamento das mil nuances de que é capaz o uso da tinta nanquim, produz mesmo efeitos musicais.

Não se pode porém negar o outro efeito produzido por essa arte: o da irrealdade, de certa monotonia. Muitos preferem, por isso mesmo, a pintura japonesa que realiza, com a mesma técnica, maravilhas de realismo, refletindo a vida inteira com todas as manifestações do espírito e do corpo. Essa pintura, reflexo da nossa realidade, compreende-se imediatamente; a pintura chinesa requer outra compreensão, mais profunda, porque reflete outra realidade de que é o símbolo.

"A pintura", diz Georges Braque, "é a arte de tornar visíveis as coisas invisíveis". Toda arte chinesa subordina-se a esse fim; é simbólica. Deve ser assim, porque também é assim na vida chinesa. "Um cão que morro de fome à porta do seu dono, significa a ruína do Estado", diz um provérbio chinês. Política terrestre e moral celeste são inseparáveis, assim como a natureza e a arquitetura chinesas. Um quadro, representando um pastor, montado num touro e tocando a flauta, significa "a vitória do fraco sobre o forte", o domínio da igualdade. A pintura chinesa é pacífica, é sempre serena; mas não idílica. Os paisagistas chineses pintam as figuras humanas muito pequenas porque "o homem é pequeno perante a Natureza". Até as névoas transparentes nos horizontes infinitos têm significação simbólica. Mas a significação desses símbolos pictóricos nem sempre é a mesma. Estudando-se aqueles espaços distantes, descobrem-se diferenças importantes, desmentindo a lenda arcaica da imobilidade petrificada da civilização chinesa.

Ao homem ocidental os chineses pareciam, durante muito tempo, racionalistas superficiais, sem angústia nem tragédia. Confundiu-se com seccionalismo a lucidez serena. Na verdade, a angústia do homem ocidental é, em grande parte, efeito da oposição radical entre Natureza e Espírito, estabelecida pelo cristianismo. O chinês é pagão. A Natureza lhe parece cheia de demônios, nem sempre maus, às vezes bons; é preciso — e isso se realiza tanto pelo culto privado como pelo culto do Estado — uma espécie de entendimento amistoso com aqueles espíritos, uma espécie de organização burocrática, tanto do Estado como do Universo. Então, está tudo bem: o cão não morre, o imperador reina, e a Natureza abre liberalmente suas portas para a gente passear nela, até a hora do passeio definitivo para fora, para o Nada dos pagãos orientais: o grande Vazio que circunda o Universo e lhe serve de fundamento: o "Tao". "Tao" significa "Caminho". A Natureza dos pintores chineses significa esse caminho, através



Paisagem — GAU-FENG-HAN

PINTURA CHINESA

OTTO MARIA CARPEAUX

das coisas boas deste mundo —
"Il faut laisser maïs et
[vergers et jardins]
Vaisselles et vaisseaux que
[l'artisan burine,
Et chanter son obsègue en
[la façon du cygne,
Qui chante son trépas sur
[les bords méandriens".

O pintor também passeia através dos caminhos "meandros" dos horizontes infinitos, projetados para o espaço de duas dimensões da pintura; e as coisas invisíveis, o "Tao", tornam-se visíveis.

A visualização do invisível é reforçada pelo contraste das coisas deste e do outro mundo. Daí a preferência pelos ramos nus das árvores, isoladas perante o céu infinito, sereno e vazio. Ampliada perspectiva. O olhar do es-

pectador penetra nos fundos do quadro; a visibilidade diminui, obscurecendo-se a atmosfera pela distância. O infinito dos fundos é o verdadeiro tema da pintura chinesa. No primeiro plano, não há oposição entre Espírito e Natureza, entre arquitetura e paisagem: tudo é "caminho", através de uma aparente confusão de casinhas e jardins, pontes e colinas, ribeiros e muros — na verdade, um bem organizado Departamento de Estradas de Rodagem, burocracia resguardada pelos entendimentos com o Imperador e com os demônios, de modo que nunca se perde da vista o verdadeiro caminho, o para os últimos fundos, o "Caminho", o "Tao".

Assim a pintura chinesa foi mais ou menos até o fim do século XIII da nossa era. Só depois, mudou, não se trata por

tanto de nostalgia de um idílio perdido. Os chineses, se não são racionalistas, pelo menos são homens muito razoáveis, lúcidos. Nunca se perderam em ilusões quanto a natureza precária dos entendimentos com os demônios. Correspondentemente nunca confiaram muito na organização burocrática deste mundo. Sempre sabiam — o que o homem ocidental apenas estava aprendendo a partir do século

XVII e fica sabendo hoje — que o próprio Diabo é capaz de fantasiar-se de organizador burocrático. Então, os demônios não obedecem mais à legislação em vigor. O imperador reina, mas já não governa. O cão morre de fome à porta do seu dono. E enfim morre o próprio dono, no caminho, mas fora do Caminho. E acaba o mundo.

É conhecida a predileção de

Kafka pelas parábolas chinesas. Dos seus próprios contos alegóricos, muitos se passam no "Império do Contro". Mas este último apelido já serve para datar a época kafkiana da história chinesa. Até o fim do século XIII, os chineses consideravam o seu mundo não como centro e sim como o primeiro plano do Universo. Só a partir do século XIV os pintores chineses colocam-se (ou colocam seus olhos) no centro do espaço pictórico, como que procurando um ponto fixo no grande Vazio que os circunda — agora já não para servir de fundamento ao mundo e sim para devorá-lo. Os quadros chineses dessa segunda época não representam o caminho para o fundo; representam o mundo suspenso no espaço sem fundo. O olhar do espectador já não penetra, partindo do primeiro plano, no fundo; olha do centro para todos os lados, para cima, para baixo, não encontrando fins — nem saída. O horizonte, na perspectiva, sobe; o céu perde o mistério, porque a própria vida se tornara misteriosa. A atmosfera fica clara. A aparente confusão de arquiteturas, dispersas pela paisagem, cede à composição rigorosa; rigorosa e inflexível como a burocracia, incapaz no entanto de manter a ordem. Por uma espécie de impressionismo pictórico, correspondente à improvisação das soluções políticas, dissolvem-se as formas. Esta pintura da segunda época é muito mais idílica do que a da primeira. Mas é idílio ilusório, tentativa de evadir-se da confusão kafkiana de um mundo diabólicamente burocratizado. É a invasão da angústia.

A inteligência chinesa, em face dessa angústia, é capaz do mesmo "esprit" que Kafka empregou para desmoralizar o "Inimigo". Historicamente, o confucionismo racional dos estadistas da primeira época foi substituído pelo taoísmo desesperadamente místico da segunda época. Recentemente um intelectual moderno, Chun-Chan-Yeh, defendeu num artigo em "New Statesman & Nation" a tese de que todos os intelectuais chineses começam como juristas e confucionistas para acabarem como tacistas e cremitas. É a lei da decepção, lei psicológica.

A grande transformação do mundo chinês no século XIII não parece causada — enquanto nossa compreensão limitada chega a desvendar o assunto — por grandes transições políticas e sociais nem religiosas que fiquem registradas nos Anais. O mundo mudou, todo. E isso se manifesta nos quadros dos pintores chineses, expressões de uma sensação diferente do Universo desorganizado. Antes, quem olhou para um quadro chinês passeava por muitos horizontes para chegar ao "Tao". Agora — como na parábola de Kafka — o mensageiro do imperador mal consegue passar pelas inúmeras salas e pátios do palácio, pelas ruas das cidades imensas, pelas estradas do país enorme, sempre com a mensagem do monarca agnizante nos lábios, mensagem que não chegará aos ouvidos do último camponês na última aldeia senão quando já é tarde demais. O cão já morreu à porta do seu dono. É um bicho muito pequeno, apenas um ponto num grande quadro de horizontes infinitos. Mas este ponto basta para "tornar visível o invisível". A última palavra da "idílica" pintura chinesa é trágica; mas não deixa de ser serena.

No Mundo das Letras

★ MAIS ODIADO PELA UNIÃO SOVIÉTICA DO QUE KRAVCHENKO

Está causando o maior sucesso entre nós o famoso livro de James Byrnes, intitulado "Falando francamente".

Esse sensacional volume há vários meses está liderando a lista dos grandes "best-sellers" norte-americanos. A explicação para o fato de esse depoimento político sobrepujar inúmeros outros lançamentos "yankees", chegando a manter-se no momento no mesmo nível de vendas de "A Pérola", de John Steinbeck, reside na circunstância de possuir o mesmo, fremente atualidade política. James Byrnes, ex-secretário dos Estados Unidos, focaliza em "Falando francamente" o drama das conferências mundiais como Yalta, Potsdam, Moscou e Paris e traça o único caminho de política exterior que pode garantir a paz.

A União Soviética, depois de condenar o livro pelas colunas do "Pravda", proibiu que o mesmo fosse lido na zona de ocupação russa na Europa, desenvolvendo contra "Falando francamente", uma campanha mais intensa e destrutiva do que aquela que marcou o aparecimento de "Escolhi a Liberdade" de Victor Kravchenko.

★ CONFIRMADO O "FURO" DE "LETRAS E ARTES" SOBRE O ROMANCE DO SR. BENEDITO VALADARES

Está confirmado finalmente o sensacional "furo" de LETRAS E ARTES: o sr. Benedito Valadares, de acordo com telegrama chegado de Belo Horizonte, já concluiu o seu romance a que deu o título "Esperidião".

Pusemo-nos logo em contato com Disraeli, nosso cronista de "Política e Letras", felicitando-o pela primazia dessa informação e que ora se confirma cabalmente. Disse-nos Disraeli que nos acatelassemos com respeito à informação segundo a qual a figura central do romance não é o sr. Mello Viana, mas sim o sr. Raul Soares.

Disraeli ainda voltará ao assunto para os devidos esclarecimentos.

VENDE-SE UMA COLEÇÃO COMPLETA DE "AUTORES E LIVROS"

Um assíduo leitor deste Suplemento, José Lins de Souza, oferece à venda uma coleção completa de "AUTORES E LIVROS", em perfeito estado de conservação. Qualquer oferta deve ser dirigida à Caixa Postal 10, Rio, ou ao telefone 43-3493.

★ O NOVO DELEGADO GERAL DO BRITISH COUNCIL, NO BRASIL

Para ocupar o posto de delegado geral do British Council no Brasil, foi designado o prof. William Wickham, que se encontrava exercendo em Portugal idênticas funções. O novo delegado, que chegará a esta capital, no dia 22 do corrente, pelo "Andes", é um intelectual de mérito, já se tendo familiarizado com o nosso movimento cultural durante o tempo em que permaneceu naquele país irmão.

★ UMA GRANDE EDIÇÃO CRÍTICA DE "MACBETH"

A Cambridge University Press, que vem apresentando as mais famosas edições de Shakespeare, acaba de lançar a tragédia "Macbeth". Essas edições estiveram inicialmente a cargo de Sir Quiller Conch e John Dover Wilson; mas, com o falecimento do primeiro Dover Wilson tornou-se o único responsável por elas.

A presente edição crítica de "Macbeth" traz uma alentada introdução do seu organizador, na qual são mencionadas varias particularidades do maior interesse para quem se preocupa com a exegese da peça.

★ UM ROMANCE DE PIRANDELO, EM PORTUGUÊS

Pirandello é, geralmente, conhecido entre nós, como contista e teatrólogo. Da sua obra de romancista apenas conhecíamos, até agora, "O Falecido Matias Pascal". Agora, a Editora Ipê, inicia a publicação das obras completas do grande autor italiano com um romance alentado, sob o título "Os Velhos e os Moços", traduzido por Geraldo Vieira. É quase a revelação de um novo Pirandello, para nós, a leitura dessa obra. O grande escritor movimentou a uma história complicada, com muitos personagens e em vários planos, dando mais uma prova surpreendente da sua grande força criadora. "Os Velhos e os Moços" merece a atenção de nossa crítica, que nem sempre se dedica com o devido interesse a livros estrangeiros.

★ HISTÓRIA DE UM RIO

O escritor Mello Nobrega acaba de publicar, por intermédio da Livraria Martins Editora de São Paulo, um livro interessantíssimo — "História de um rio", uma espécie de biografia do rio Tietê.

Em seu valioso trabalho, o autor focaliza a influência do grande rio paulista no desenvolvimento do Estado bandeirante, na construção da grandeza de São Paulo. Conta os principais acontecimentos em que o referido rio figurou, quase como personagem viva e humanizada e fixa o seu papel no desbravamento e colonização das terras de Piratininga.

★ EDUARDO MARTINS E OS NOVOS DA PARAIBA

Se procurarmos um parentesco espiritual para a poesia que nos manda da Paraíba o sr. Eduardo Martins — in "Poemas", edição do autor — diremos que ela se aproxima dum Rilke em sua aceitação da "grande arte". Mario de Andrade, escrevendo sobre outro livro de Eduardo Martins, observou que a preocupação da morte se infiltra nele com uma intensidade impressionante. E Tristão de Ataíde, pelos mesmos motivos, disse que "o espírito cristão neste jovem poeta é a melancolia profunda, é a renovação romântica do "casemirismo" da poesia brasileira". Eduardo Martins pertence a um grupo de moços que, na Paraíba, estão participando ativamente da renovação literária que se observa no país. São eles, com algumas omissões naturais, Dilermano Luna, Pericles Leal, Hamilton Pequeno, Clelia Lopes de Mendonça, Carlos Romero, Afonso Pereira, Antonio Brainer, Carmen de Araújo Lima, Ofélia Osias de Lucena — todos animados de uma viva inquietação intelectual digna de estímulos.

★ ANIVERSÁRIO DA MORTE DE OLIVEIRA LIMA

No dia 24 do corrente decorre o vigésimo aniversário da morte de Oliveira Lima, o autor de "D. João VI no Brasil", grande espírito que traçou novos rumos à ciência histórica entre nós e cuja obra ainda não foi devidamente apreciada entre nós.

★ A PROFISSÃO COMPLEMENTAR DO ESCRITOR

Um jornal parisiense fez um inquérito sobre qual devia ser a profissão complementar do escritor. Philippe Soupault, opinou pela de bibliotecário; André Maurois preferiu a de médico, ajudante de cartório e jornalista, por serem profissões em que muito se vê e muito se aprende; Simenon, o romancista policial foi contra o jornalismo; Paul Gadenne optou por uma atividade qualquer, manual.

Através dos Suplementos

OS CRÍTICOS, DEPRESSA!

DJALMA VIANA

A impressão que me ficou, depois de uma semana de meditação e jejum absoluto, foi a de que estamos, em matéria de crítica literária, com as pernas cortadas. Encontra-se, com a pasmaceira dos suplementos, com a ausência das polémicas, com o sossego dos corações, um vazio precisamente onde se devia topar a crítica e o tacape. Já não se selecionam os autores, nem os livros, nem coisa alguma. Romances, como os ultimamente publicados, permanecem sob um silêncio dramático. Danem-se os poetas que ninguém aparecerá para comentar os seus versos. Os grandes jornais, que podiam forçar o regresso de velhos críticos ou provocar a vinda de novos críticos, ignoram ou parecem ignorar a importância da crítica como instrumento indispensável ao conjunto cultural deste país. Todos escrevem, é verdade, raros os que conseguem pescar um editor, também é verdade, — mas criticar, nem Amélia que era mulher de verdade!

Em São Paulo, sempre com a graça de Deus, um ou outro se anima a afirmar três palpites. O sr. Sérgio Millet, por exemplo, não entrega os pontos. Quase sozinho, nadando, heróicamente, sobre as águas mansas, procura forçar uma corrente, esboçar um movimento, despertar a vida. O sr. Luiz Washington, por outro lado, também continua na estacada. Uma piaba não passa sem que morda a curva do seu anzol. E, completando o trio da Paulicéia, temos o sr. José Geraldo Vieira, não rigorosamente um crítico literário, mas um grande romancista que custa a acreditar no falecimento por inanidade da velha e arrebatada crítica. Faz-se de crítico para vitaminizar a anemia da nossa pobre e desgraçada cultura. São Paulo, porém, neste doloroso capítulo das letras, não está sozinho.

Há, nas vizinhanças, Minas. Gente de conversa medida e de rasgos discretos, os mineiros, no tempo em que a crítica era a principal carta do baralho, mostraram os braços. O sr. Oscar Mendes, anos chupando anos, não largou o cabo do arado. Deu rijo, deu forte, deu duro. Quando corria os dedos na testa para enxugar o suor, entrava o sr. Eduardo Freire, entrava o sr. Mário Matos, entrava o sr. Etienne Filho. Os bororós de lá, quando a geração dos meninos geniais ainda sujava as fraldas, alimentava a fornalha sempre com excelente carvão. Hoje, ao que me informa o sr. Marques Rebelo, resta apenas o sr. Oscar Mendes. Sempre resta porém o sr. Oscar Mendes.

Em Recife, embora um pouco fraco das pernas, o sr. Olívio Montenegro ainda mantém acesa a chama sagrada. Na cidade do Salvador, com a morte do velho Carlos Chiachio, renasceu o deserto. Mas, compensando tanto velório, tínhamos, em Porto Alegre o que ainda agora temos — o sr. Moisés Velinho, e é só.

Vê-se, por aí, que, bem ou mal, sempre há por este país a fora uma ou outra voz que prossegue confiando no prestígio da literatura. Afastados talvez deste mundo inacreditável que é o Rio, com tempo talvez mais fácil puderam os compadres do interior manter as aparências. Faça sol ou despenque chuva em torrentes, romance ou ensaio não passa assim sem uma fígada. O livro do sr. Augusto Meyer, num rápido exemplo, que aqui nem

chegou a aparecer, e que é indiscutivelmente uma coisa de primeira água, recebeu por fora algumas pétalas. Diria o mesmo do último romance do sr. Otávio de Faria. E o mesmo diria do livro de poemas do sr. Carlos Drummond de Andrade. Mas, se o interior pode colaborar para que não se diga seja este um país sem crítica literária — a situação, aqui pelo Rio, é francamente de miséria. Não há nada, não se fala de nada, não se escreve sobre nada. Os críticos, aqui, meus leitores, meteram a língua no chincelo. Esta a verdade.

Naturalmente, naturalmente, o sr. Tristão de Ataíde ainda brilha, ainda ocupa colunas de um matutino, ainda escreve como um danado. Mas, sobre livros? Qual o quê! Preocupado com as coisas metafísicas e sociais do mundo, o velho crítico do modernismo não mais trabalha como um crítico literário. É um teórico que voa no fundo de uma galaxia altíssima. Distante da crítica, sem um minuto sequer para ler o romance do sr. Léo Ivo, e seguindo talvez o conselho do poeta Augusto Frederico Schmidt, trocou as páginas de uma novela pelos capítulos romancescos da política e das realidades nacionais. Ao contrário do sr. Tristão de Ataíde, o sr. Alvaro Lins, que devia por direito estar no batente sem piscar os olhos, entrou numas férias infinitas. Inutilmente se procura o lógico rodapé do «Correio da Manhã». O que aparece, ao invés do crítico pernambucano, são telegramas internacionais que anunciam o casamento do filho do rei do Sião com a neta do bey do inferno. É de matar, meus leitores!

E o sr. Almeida Sales, essa grande vocação de crítico, que emudeceu irremediavelmente pelas brumas do planalto? A família antiga, — por onde andará o sr. Rosário Fusco, o sr. Octavio de Faria, e os outros senhores por onde andarão? — seguindo aliás o grandfinito, caiu no divórcio. Uma desagregação dos diabos, sem a menor dúvida. Batendo as janelas, fechando as portas, o pessoal se aposentou. E o que se pode retirar da solidão, não

Confie aos nossos artistas a realização do monumento a São Sebastião

A IDÉIA do sr. prefeito Mendes de Moraes, de fazer levantar um monumento a São Sebastião, nesta capital, teve a melhor repercussão, pois que veio tocar de perto o coração dos cariocas, tão devotos do popular padroeiro da cidade.

Teríamos a fazer, todavia, uma restrição, com a qual o próprio sr. prefeito, inteligência esclarecida, há de também consignar certamente.

O plano de se buscar o monumento no estrangeiro, quando temos entre nós artistas consagrados, não é de molde a merecer os mesmos aplausos que a idéia da homenagem suscita. Contamos com artistas admiráveis, cujo trabalho nada ficaria devendo ao realizado pelos escultores europeus.

É óbvio citar-lhes os nomes. Todavia, estão eles aí, e, certamente, receberiam com o maior júbilo uma palavra do sr. prefeito Mendes de Moraes, confiando-lhes a realização dessa importante obra artística.

Aqui fica o nosso apêlo ao ilustre governador da cidade.

sendo muito, não será também pouco: o Rio é uma cidade sem críticos. Seus jornais, que podem se comparar aos jornais das melhores cidades do mundo, que podem informar sobre as coisas mais estranhas, do mistério de Araci Abelha ao rapto das sabinas, são inegavelmente capengas:

— Não dispõem de críticos literários.

No entanto, se alguém aparecer e me perguntar porque demônio estou assim empenhado em favorecer a crítica literária, custar não me custará responder, nas buchas. E, respondendo, afirmo que, sem crítica literária, impossível será sobreviver qualquer literatura. O troço ficará assim como uma casa sem teto, o marido de Zará sem Zará... Esclarecendo, orientando, revelando sobretudo, a crítica é o tempo que dá o gosto. Sem ela, a tarefa realizada quedará incompleta e mutilada. Uma mulher sem lábios, numa imagem digna do poeta Vinicius de Moraes, o esquecido. E, já que não podemos beljar os lábios de uma pequena que não os tenha, como suportaremos uma literatura, um período literário que se caracteriza principalmente pela ausência da crítica? A resposta que advirá, é esta:

— Decadência, velinhos, e que decadência!

Instante houve, precisamente quando se revelava a vocação do sr. Guimarães Rosa, que se acreditou na ressurreição dos velhos tempos. O inculto sr. Antônio Cândido, embora não soubesse distinguir uma novela de um par de sapatos, ainda dava no couro e não faltava quem nele visse um Zé Veríssimo modernizado, formalista e cheiroso. Todavia, contrariando a expectativa geral, neutralizando o sopro das esperanças, tudo se esboçou numa curvatura verdadeiramente indecente. Restou, como símbolo da trituração dos bagaços, aquela zebra quadrada que não tardaria a ser chamada de Afriro Meningite. Tanta a carnice e a lama que o Afriro Meningite chegou a ser elogiado por uns patetas e não faltou um jornal — um grande jornal com uma extraordinária tradição literária — que, oferecendo as colunas, endossasse a loucura do estafarismo. Decididamente, meus leitores, estávamos atolados mesmo em um pantano, sentíamos na carne o peso de uma indiscutível decadência literária.

E, para que se interrompa este ciclo funesto, para que o saneamento se realize depressa, outro caminho não vemos senão lutar pela volta dos críticos. Que venham, os bacanas! Venham e reiniciem o trabalho de escavação numa lenta tentativa de realmar o moribundo e salvar o que ainda merece salvação. Venham e demonstrem que, só para chatear os doutores da profecia, não são a política e a estatística os nervos de um país e as tripas de um povo. Se é verdade que não podemos desprezar os números dos economistas, também é verdade que, sem literatura, um povo não é povo. Acunhamos os economistas, os técnicos, os obstinados estudiosos do eterno «problema brasileiro» — mas, por Deus, não esqueçamos que a velha literatura se integra no corpo desses problemas. Nem oito e nem oitenta, meus leitores. E exclamamos, com folego, como o sr. Augusto Frederico Schmidt em um dos seus poemas:

— Que venham os críticos, depressa!

Colaboração de França

VIAJANTES DO BRASIL DE HOJE

ROGER BASTIDE

PARIS — Os historiadores e os sociólogos servem-se frequentemente das narrativas dos viajantes antigos para reconstituir graças às suas descrições, o Brasil colonial ou imperial. Compreende-se que os viajantes atuais não apresentem o mesmo interesse, porque seria ocioso para os que vivem no Brasil estudar os hábitos de uma sociedade da qual fazem parte. Contudo, esses viajantes interessam até certo ponto: ilustram as reações do estrangeiro perante o brasileiro, e essas reações são utilíssimas de conhecer. E o que pensam os franceses que visitaram o Brasil depois da guerra?

Alguns registraram por escrito as suas impressões de viagem, como Henriot, por exemplo: trata-se de recordações amáveis, escritas com leveza; o que mais chamou a atenção do escritor foi a beleza da paisagem, mas ele não ousou, dada a pequena duração da sua permanência no país, ir mais fundo no conhecimento deste. Há nisso uma sábia prudência. Mas é evidente que esse tipo de observações interessa muito mais os franceses do que os brasileiros. Outros, como Guéhen, fizeram obra de moralista. O que ele procurou na América foi a idéia que nela se faz da França, e isso não de maneira desinteressada, mas com fins práticos, tendo em vista a modificação da mentalidade do seu próprio país e da sua política: "Só depende de nós, franceses, que a existência da França no mundo seja a de um mito ou a de um clichê... Paris não será a Cidade-Luz senão enquanto soubermos acender-lhe as luzes, e a eternidade da França Eterna tem de ser alimentada dia a dia pelo amor, pelo entusiasmo e pela esperança dos franceses..." Aqui, ainda, o livro é mais interessante para os franceses do que para os brasileiros. Por esse motivo não nos demoramos na consideração dos dois referidos escritores.

Germain Bazin foi ao Brasil sobretudo para estudar o estilo colonial, e atualmente prepara uma obra sobre a escultura do Aleijadinho. Mas, a pedido das "Nouvelles Littéraires", traçou um vasto painel do Brasil de hoje, que é sempre interessante, mesmo quando não se concorda com ele. O que mais o impressionou foi a democracia racial e a gentileza brasileira. Observou a indolência brasileira, mas viu que se trata de uma indolência que não é bem indolência e sim uma doçura de viver que justificaria que se dissesse: "A indolência dos brasileiros é uma lenda inventada pelos agitados que somos, porque esse país em pleno crescimento já possui modernas metrópoles

em que o arranha-céu brota impulsivo e vigoroso, como a árvore das suas florestas tropicais", e o autor cita São Paulo e o Rio como maravilhas de esforço urbanístico, e insiste sobre a obra notável dos higienistas.

Mas o progresso do Brasil não estará sendo marcado pela evolução do seu processo de americanização? Essa a pergunta que mais preocupa Germain Bazin, e a ela responde negativamente, preferindo ver no Brasil a grande "reserva de latindade". "Permita Deus, escreve ele, que no mundo de amanhã a América do Sul seja chamada a desempenhar um papel de primeiro plano transmitindo, pela fusão das suas jovens energias, uma nova força e uma nova influência a esse espírito da latindade que é o verdadeiro espírito civilizador!" E' desse ponto de vista que ele formula o mais belo elogio à mulher brasileira, elogio que constitui sem dúvida a parte mais original do seu livro. E revolta-se contra o pretendido caráter afrodisíaco do Rio de Janeiro: os que falam dele cometem o mesmo erro dos que julgam Paris pelos cabarés de Montmartre. A mulher brasileira possui grandes qualidades morais, que fazem dela a companheira ideal do homem, do qual "regula e polariza a energia viril".

André Siegfried publicou em diversas revistas e em jornais as impressões da sua recente viagem ao Brasil. As suas preocupações referem-se antes de tudo aos aspectos econômicos e políticos. Tratou das consequências para o Brasil das duas guerras, isto é, da industrialização do país. Sublinhou também o esforço civilizador do povo na sua marcha para o Oeste, e cantou o heroísmo dos seus pioneiros: "Conheci e admirei o "Far-West" americano, e o canadense; o sertão brasileiro vem de outra inspiração, os seus problemas são outros, mas não é menos heróico, e nele se elabora hoje em dia uma bela legenda."

Mas esse economista foi de tal modo seduzido pelas graças do país que muitas vezes abandona o tom de sábio e escreve quase como poeta; não será esse o mais belo elogio que se possa fazer ao Brasil — a constatação de que desperta em todos os estrangeiros que o visitam uma espécie de paixão lírica? Para limitar-me a um exemplo, ao falar da Amazônia, André Siegfried diz do encanto de Belém, com o seu velho forte, de pedras cinzentas cobertas de musgo, com as suas alamedas de mangueiras e figueiras, com as suas casas pintadas com maravilhosa

delicadeza", com os seus barcos de pesca do velame pardo, ou vermelho, ou azul ou verde: "é como um cortejo dessas magníficas aves brasileiras que em seus poleiros trabalhados deixam à esquerda e à direita a avonida principal do jardim botânico de Belém: como uma coleção de exóticas em roupagem de gala". Essas tiradas poéticas misturam-se no seu livro a considerações econômicas sobre o aproveitamento das riquezas ignoradas da Amazônia, considerações que encerram utilíssimas sugestões: "Para explorar essas regiões será preciso encontrar um método adaptado às suas condições. A iniciativa privada mostrar-se-á evidentemente insuficiente, porque serão necessários grandes recursos, e organização perfeita. A Grande Companhia serviria, em outros tempos. A nossa época exige preocupações sociais ignoradas no passado. O Estado e a sociedade de economia mista parecem ser os instrumentos mais apropriados para essa colonização".

Quanto a Paul Bastid, que esteve no Brasil por ocasião da Conferência Pan-Americana do Rio de Janeiro, é como político que julga o Brasil. Mostra as duas razões da tão íntima aproximação entre o Brasil e os Estados Unidos: primeiramente, a preocupação do aproveitamento das riquezas naturais brasileiras, que são imensas, mas cuja exploração atual é insignificante, devido à carência de capitais; e em segundo lugar, a crise econômica. Porque — e é o que há de característico nas observações de Paul Bastid — o seu artigo nada tem de lírico e, ao contrário, é bastante sombrio: "a falta de divisas é quase trágica... com base em dados falsos, gastou-se sem medida, depois, por meio de providências desordenadas, procurou-se obstruir ao mesmo tempo a importação e a exportação, sem outro resultado que o de paralisar o movimento dos negócios..." Esse tom sombrio repete-se mais longe, quando o autor fala do analfabetismo e da miséria, que fazem com que a democracia não represente o povo (seis milhões de eleitores para uma população de quarenta e cinco milhões, porque é preciso saber ler e escrever para votar). "Esse país, conclui o autor, será sem dúvida chamado à consciência de si mesmo, e então transformar-se-á politicamente, economicamente, e socialmente. E ele merece essa transformação. É grande o seu encanto e a simpatia que desperta o seu povo não justifica nenhuma reserva... Mas ser-lhe-á necessário um esforço imenso para

(Conclui na 11.ª pag.)

No Mundo das Letras

★ O NOVO ROMANCE DE CORNELIO PENNA

A Editora "A Noite" anuncia o próximo aparecimento do terceiro romance de Cornélio Penna, intitulado "Repouso".

Vivendo uma existência solitária, sem nenhuma ligação com os agrupamentos literários, o sr. Cornélio Penna é uma das figuras mais importantes do romance brasileiro, e nesse sentido seus livros anteriores, "Fronteira" e "Dois Romances de Nico Horta", deixaram um sulco profundo em nosso desenvolvimento literário.

A atmosfera dos romances de Cornélio Penna é o sertão, com as suas pequenas cidades afundadas entre montanhas, e o drama da solidão de seus habitantes, com os seus sentimentos de amor e ódio, paixão e dor, universalizados em histórias que visam, em última análise, fixar os aspectos mais profundos e decisivos da existência humana.

"Repouso", a ser lançado brevemente, irá revelar ao nosso público um dos mais notáveis romances brasileiros dos últimos dez anos, tal é a sua força poética, a transfiguração da vida realizada pelo romancista, e o plano excepcional em que se situa o seu autor.

★ O CAPÍTULO "A CEIA", DA "VIDA DE JESUS", DE PLÍNIO SALGADO, REPRESENTADO EM PORTUGAL.

São tradicionais, na cidade de Braga, em Portugal, as grandes comemorações da Semana Santa.

Nessa ocasião, costumam ser encenadas, ali, ao numeroso público, peças sacras dos maiores autores.

Este ano, o Seminário Conciliar, a patrocinadora das representações, com a devida aprovação do arcebispo de Braga, solicita ao Sr. Plínio Salgado autorização para levar à cena o capítulo "A Ceia", de sua admirável "Vida de Jesus", escrito especialmente para teatro.

O espetáculo, que será acompanhado pelo coro orfeônico da cidade, o melhor do país, é aguardado com vivo interesse, segundo as notícias que lemos nos jornais de Braga, dado o renome literário do Sr. Plínio Salgado em Portugal, onde a "Vida de Jesus", sua obra prima, já se encontra em 5ª edição.

★ ROMANCISTAS NO CINEMA

Noticia-se que uma empresa cinematográfica brasileira está em negociações com o sr. Dalcídio Jurandyr para a filmagem do último romance desse escritor intitulado: "Marajó".

★ NO RIO, O GRANDE ESCRITOR JOSÉ BERGAMIN

Acha-se no Rio, há dias, o grande pensador católico espanhol de fama internacional, José Bergamin, que acaba de visitar oficialmente a Venezuela e outros países do continente. A presença de Bergamin entre nós não poderia deixar de interessar vivamente os nossos círculos intelectuais e artísticos, os quais promoveram-lhe várias manifestações de simpatia. Amanhã, no Phenix, sob os auspícios do "Teatro do Estudante" José Bergamin falará sobre "La poesia barroca en el teatro español", numa conferência que é também patrocinada por Tristão de Atayde, Murilo Mendes, Carlos Drummond de Andrade, Aníbal Machado, Alvaro Lins, Paschoal Carlos Magno e outros. Parece desnecessário acrescentar que a fama de Bergamin como conferencista é imensa na Espanha e no mundo latino americano. Daí, esperamos que o Teatro Phenix seja pequeno para o público que, do certo, ali acorrerá amanhã.

★ CONVITE AOS ROMANCISTAS

Porque os nossos romancistas não procuram explorar o gênero histórico, em que vêm obtendo tanto êxito os americanos? A nossa história recente está cheia de episódios dos mais palpitantes que oferecem amplo material romanesco. O sr. Paulo Duarte quis fazer qualquer coisa de semelhante no seu livro "Palmares pelo avesso". Mas a obra, embora interessante, saiu mais reportagem do que propriamente romance, pois na realidade o autor não é um romancista.

Que se pode fazer um romance essencialmente artístico com o aproveitamento de elementos históricos, a "Guerra e Paz" de Tostoi e "Os 40 dias de Musa Dagh" aí estão entre tantas outras obras, para provar-nos. Poderíamos lembrar ainda as novelas de Perez Galdós, infelizmente desconhecidas no Brasil.

★ ANDRÉ GIDE E' AVÔ

Muita gente, de certo não sabe que André Gide, que ficou viuvo em 1938, possui uma filha moça Catherine, casada com o escritor Jean Lambert. Essa filha lhe deu, no ano passado, um neto.

Novidades em "Letras e Artes"

E, realmente confortador o interesse crescente que o público, de modo geral, vem manifestando pelo nosso suplemento literário, através de cartas, telegramas, etc., procedentes de todo o território nacional.

Orgão de grande penetração, hoje, em todo o país, A MANHÃ já, por várias vezes, tem atingido em sua edição dominical, comprovadamente, a tiragem de 100.000 exemplares.

Correspondendo a essa confiança, o suplemento de A MANHÃ não deixará de envidar todos os esforços no sentido de manter o mesmo padrão que vem apresentando desde seu início. Renovando, frequentemente, o grupo de seus colaboradores, sem esquecer os da nova e novíssima geração, objetivamos uma participação mais

viva de elementos dos mais diversos grupos ou correntes.

★
Octavio de Faria, o grande escritor patricio iniciará, logo, neste suplemento, uma colaboração permanente e que irá suscitar o maior interesse.

★
A admirável pintora Noemia acaba de ser convidada para fazer parte do corpo dos nossos ilustradores e, hoje mesmo, comparece com um trabalho magnífico em nossa última página.

★
Outra notícia que damos aos nossos leitores é o próximo reaparecimento dos "Arquivos Implacáveis", sob o comando de João Condé, esse simpático e

atrevido corsário dos arquivos descuidados...

★
Anunciamos ainda outra nova: dada a dificuldade de se resolver o impasse da nossa seção de crítica literária, que Almeida Sales, após uma rápida e brilhante atuação interrompeu por acúmulo de seus serviços na Paulicéia, deliberamos adotar uma nova modalidade de crítica, não só inédita entre nós, como também em outras partes, e sobre cujas bases daremos pormenores no próximo número.

★
Como última notícia, anunciamos um importante inquérito junto às figuras mais expressivas do nosso mundo literário, em que irão depor sobre a vida do mais íntimo amigo, escritor, já desaparecido.

A MANHÃ

Diretor: ERNANI REIS
LETRAS E ARTES

ORIENTAÇÃO
DE
JORGE LACERDA

COLABORADORES:

Adonias Filho, Alcântara Silveira, Alceu Américo Lima, Almeida Fischer, Almeida Sales, Alphonsus Guimaraens Filho, Aníbal Machado, Antonio Rangel Bandeira, Ascendino Leite, Augusto Frederico Schmidt, Augusto Meyer, Batista da Costa, Breno Acioli, Brito Broca, Cassiano Ricardo, Cecília Meireles, Cristiano Martins, Ciro dos Anjos, Clarisse Lispector, Claudio T. Barbosa, Dalton Trevisan, Dantas Mota, Dinah S. de Queiroz, Canabrava, Fernando Ferreira de Loanda, Franklin de Oliveira, Geraldo Ferraz, Gabriel Munhoz da Rocha, Guerreiro Ramos, Gustavo Barroso, Herbert Parentes Fortes, Herman Lima, Jayme Adour da Câmara, João Condé, Joaquim Ribeiro, Jorge de Lima, José F. Coelho, José Geraldo Vieira, José S. Leal, Ledo Ivo, Lucio Cardoso, Luís Jardim, Manuelito de Ornelas, Manuel Bandeira, Marcos Konder Reis, Mário da Silva Brito, Mário Quintana, Marques Rebelo, Murilo Mendes, Novelli Junior, Neli Dutra, Octavio de Faria, Oliveira e Silva, Otto Maria Carpeaux, Paulo Ronai, Peregrino Junior, Renato Almeida, Renzo Massarani, Ribeiro Couto, Rodrigo M. F. de Andrade, Roger Bastide, Rogério Corção, Roland Corbisier, Rosário Fusco, Rubem Bifora, Santa Rosa, Sergio Milliet, Servulo de Melo, Sylvio da Cunha, Tasso da Silveira, Temístocles Linares, Thiers Martins Moreira, Umberto Peregrino, Vicente Ferreira da Silva, Wilson Figueiredo e Xavier Bulcão.

ILUSTRADORES:

Alfredo Ceschiatti, Armando Pacheco, Athos Bulcão, Marcler, Fayga Ostrower, Iberê Camargo, Luís Jardim, Noemia, Oswaldo Goeldi, Paulo Vincent, Percy Deane, Santa Rosa, Van Rogger e Yllen Kerr.

A AMERICA DO NORTE VISTA POR UM ESCRITOR BRASILEIRO

Afranio Coutinho em entrevista a "Letras e Artes", fala sobre os Estados Unidos, sua literatura e sua critica — Análise dos hábitos intelectuais do Brasil e uma opinião sobre o futuro das nossas letras

AFRANIO Coutinho, recentemente chegado dos Estados Unidos, onde permaneceu cinco anos, é uma das figuras mais representativas da moderna inteligência brasileira.

Espírito preocupado com os problemas atuais da cultura, inteligência lúcida, poderia o jovem escritor patricio dizer-nos muita coisa de real interesse, não só sobre a vida norte-americana, como também sobre o ambiente brasileiro e a nossa literatura.

Aliás o sr. Afranio Coutinho do há muito, segundo suas preferências intelectuais se definiu pela critica, pois o nosso entrevistado já publicou um estudo sobre Machado de Assis, além de vários trabalhos esparsos, conhecidos, em nosso meio, em jornais e revistas. Nos Estados Unidos teve oportunidade ainda de aperfeiçoar os seus conhecimentos, tendo de lá trazido uma biblioteca especializada, que, reunida à sua anterior, se tornou uma das mais ricas no gênero, entre nós.

O reporter teve ocasião de compulsar na biblioteca do sr. Afranio Coutinho inúmeros volumes dos grandes criticos modernos, pouco divulgados em nosso ambiente intelectual.

Resolvemos ouvi-lo. E na entrevista, que segue, fez-nos uma análise clara e segura do nosso meio cultural, bem como da vida norte-americana, com verdadeira isenção de espirito.

A nossa primeira pergunta girou, como era natural, sobre os Estados Unidos.

Não há tendência à sedimentação

«É preciso muito cuidado — diz-nos inicialmente o nosso entrevistado — para não se deixar envolver de todo pela ilusão americana. Sem dúvida, a civilização americana realizou grandes coisas, e o que realizou constitui um passo avante no sentido da melhor distribuição dos benefícios do progresso pela massa. Mas a minha dúvida está em saber se esse processo de distribuição, tendo produzido um geral rebaixamento de todos os valores, uma desqualificação generalizada pela subordinação de tudo ao quantitativo, não põe em risco o próprio destino da civilização, que se pode definir como um esforço de qualificação. Talvez devido à própria juventude do país, talvez por causa da influencia ainda viva do espirito de fronteira e de pioneirismo; talvez ainda por causa da velocidade que é a alma da America, o fato é que não há, ali, nenhuma tendência à sedimentação, à cristalização de elementos de civilização. Tudo vive num permanente mouvant, tudo passa.

A tragédia do homem só

— A America realizando o modelo da civilização capitalista realiza aquilo que se pode chamar — a tragédia do homem só. É o exemplo tipico do que resulta para o homem das civilizações coletivistas: seja a capitalista, seja a comunista, ambas oferecendo soluções coletivistas para os problemas humanos que são sobretudo e primeiro que tudo problemas individuais. Na literatura contemporânea há o reflexo disso na obra de Kafka: a solidão a que ficou reduzido o homem moderno dentro da civilização burguesa, capitalista.

Pois na America se sente muito bem essa tragédia do homem só. O sentimento, a meu ver, predominante na alma americana é o da solidão. E esse sentimento decorre fatalmente do seu tipo de civilização, misto de mercantilismo, mecanicismo e igualitarismo. O país é ótimo. A gente é de primeira ordem: boa, simples, honesta, levando a vida a sério, com uma grande noção de responsabilidade. É o sistema que me parece errôneo. E é o próprio americano a primeira vítima desse sistema, um sistema que perdeu a medida do humano.

— É o caso talvez do regi-

me de trabalho... — observamos.

— Exatamente — respondeu — o regime de trabalho, a meu ver, é o mais rotineiro, o mais monótono e escravizante, o mais sem alma que pode existir. Foi o protestantismo que, instaurando o trabalho como culto, transformou-o de meio em fim em si mesmo; e foi o mecanicismo que o esvaziou espiritualmente, e o isolou do individuo. Lá o trabalho não engaja o individuo espiritualmente, como um todo, não o compromete no seu esforço físico e mental. É apenas exterior.

— Mas os americanos dão impressão de estar sempre alegres — ponderamos.

— Creio que se trata de uma falsa impressão — respondeu o sr. Afranio Coutinho. Do todo o sistema só pode resultar isolamento e tristeza. Com uma aparência de jovialidade, os americanos são, no fundo, uns grandes tristes. É a gente mais amolada do planeta. E para corrigir sua solidão e a imensa amolação que sentem, eles procuram os inúmeros meios de evasão tão comuns na America, alguns dos quais inocentes, mas outros constituindo verdadeiras calamidades nacionais. São eles, do primeiro tipo, o cinema, o rádio, as leituras e os espetáculos baratos ou violentos, de modo geral classificados sob a rubrica entertainments, isto é, passatempos, entretenimentos, para matar o tempo, bem diferentes do divertimento tradicional. E do segundo tipo, o alcool. O alcoolismo é hoje um dos mais sérios problemas de patologia social que o país enfrenta, envolvendo homens e mulheres.

— Qual é o nervo de toda essa estrutura social? perguntamos.

— «É o business, a concepção mercantil da vida, a alma desse sistema, que, aliás, se faz a desgraça, faz também a grandeza e o poder da America. A saída para o impasse estaria num reequilíbrio, passando os valores espirituais a subordinar os materiais. Tenho essa esperança, pois confio nas reservas admiráveis do povo americano. E creio que já existe algo da reação nesse sentido. Basta ver o que se passa nas Universidades, centro do mais sério, mais sólido e mais vigoroso movimento intelectual, literário e científico do mundo; na literatura, hoje em plena maturidade e florescência; na arte, sendo necessário apenas citar o formidável surto de popularidade da boa música, e a importância que os museus exercem na vida do povo.

A volta dos exilados intelectuais

Encaminhamos a palestra para o terreno literário e o nosso entrevistado assim se manifestou:

— A literatura americana está, como disse, em plena fase de maturidade e em grande florescência. Depois da geração naturalista, que marcou fortemente a evolução da literatura americana durante a década de 1920 a 1930, e que libertou definitivamente as letras, geração servida pela mais poderosa pleiade de escritores que ainda apareceu no país, ficou clara a possibilidade de se viver na America para fazer literatura. Foi essa geração que criou ambiente para a vida literária na America, rompendo com a tradição de expatriamento, geralmente seguida até então pelos homens de le-

tras e de pensamento. Durante, o intelectual poderá viver na sua pátria, sem precisar exilar-se. Processou-se um movimento de retorno do exilado intelectual, que vivia em Londres ou Paris. Essa a grande revolução dos últimos trinta anos na vida literária americana. Revolução absolutamente necessária, pois sem ela a vida intelectual era impossível, os próprios intelectuais não acreditando na viabilidade do exercício da inteligência e da produção literária livre em sua pátria.

Anteriormente, era muito comum entre os americanos a



Afranio Coutinho

pergunta: Quem lê um livro americano? Hoje, após o esforço da geração de 1920, os livros americanos são lidos e traduzidos em toda parte, as idéias americanas são divulgadas, estudadas, discutidas, interpretadas. O mundo inteiro se interessa por ela, e os próprios americanos, antes intelualmente voltados para o exterior, para o material importado, já vêem o seu país exportando produtos intelectuais. E, se, devido a que são muito fortes os interesses comerciais no país, é necessário um grande esforço para distinguir o que é produto de puro comercialismo; quem consegue vencer essa dificuldade inicial, rompendo a camada de literatura comercial, sem dúvida o grosso do que se publica no país, será fartamente recompensado pelo encontro de uma corrente de idéias e de uma produção literária que honra qualquer nação civilizada. Há ainda muito que fazer. Há ainda um grande passo a ser dado no sentido da integração do escritor e da vida nacional. O escritor deixou de exilar-se, mas ainda é um exilado no seu próprio país, exilado pela muralha existente entre ele e o resto da sociedade, que dele não toma conhecimento. Isso sente-se muito bem através de obras como a de um Thomas Wolfe, a figura sem dúvida mais impressionante de todas as que floresceram na década de 1930 a 1940. Na obra forte e densa de Thomas Wolfe se reflete o sentimento de solidão e abandono que é muito geral no homem americano, mas sobretudo no escritor.

— Que nos diz das escolas literárias mais em voga nos Estados Unidos?

— O exercício da literatura na America — diz-nos o sr. Afranio Coutinho — tornou-se nesses últimos vinte anos cada vez mais consciente. Grupos literários apareceram, e o es-

forço de investigação e aprofundamento da literatura se faz sentir em toda parte, através das revistas literárias, dos cursos universitários, de obras isoladas. Há um caráter de seriedade no que se produz. As revistas literárias atualmente em curso de publicação, como a Kenyon Review, a Sewanee Review, a Partisan Review, a Accent, e outras de cunho mais técnico ou mais fechado, são o que há de melhor no gênero aliando as melhores qualidades das europeias ao caráter experimentalista do espirito americano. De modo que as perspectivas são as mais interessantes. Se não há escolas definidas, ou um movimento caracterizado, existe uma geral fermentação e um anseio profundo. É realmente uma nova literatura em plena força de produção. Podemos lembrar os nomes de William Faulkner, Thomas Wolfe, Hemingway, O'Neill, entre outros.

O respeito mútuo na vida literária

— Há um ponto que desejo acentuar, porque me parece encerrar lição proveitosa. É que os que exercem a atividade intelectual na America se caracterizam sobretudo pela seriedade, pela honestidade de princípios e objetivos. A literatura, a arte, a filosofia, não são para eles meios apenas de figuração social ou escadas para a vida política ou administrativa. Exercem-nas para servir a verdade ou a beleza, com um sentido altamente desinteressado, e não com finalidades inconfessáveis de política pessoal ou de grupo. Mesmo quando são adversários — adversários de idéias ou de correntes, — mesmo quando polemizam, os escritores se respeitam mutuamente, levam-se a sério uns aos outros. Não colocam as pessoas acima das idéias. Ninguém desdenha de outrem, pois se acredita acima de tudo que este outrem pode vir a dar uma contribuição qualquer, pode ser algum dia útil à cultura, às letras, à ciência. Não se vivem a destruir sistematicamente por inveja, despeito, medo da concorrência, mesquinhez de espirito, covardia. E por isso, e porque há lugar para todos do baixo do sol, a produção intelectual não está parada.

— Talvez queira referir-se ao caso brasileiro...

— Efetivamente. Jamais teremos literatura — produção literária vigorosa e original — enquanto dermos maior apreço à vida que se vive em torno da literatura, aos cafés e livrarias, à boemia, às lutas de rivalidade e de política literária, à conquista do cartaz, ao domínio das posições, aos grupelhos formados às custas do elogio mútuo, ao controle das editoras e dos jornais para colocá-los a serviço dos interesses dos grupos, relevadas naturalmente as honrosas exceções, tudo isso que dispersa, absorve e esteriliza as energias mentais do intelectual no Brasil, desta maneira impossibilitando de dar maior atenção ao estudo e ao aperfeiçoamento espiritual e técnico.

Não estudamos, apenas lemos literatura

— Aliás, esse é apenas um aspecto da questão. As nossas falhas também decorrem da ausência de ensino e estudo da literatura entre nós. Nós não estudamos literatura, apenas lemos literatura. Nosso autodidatismo, nossa capacidade de improvisação, acostumaram-

nos a endearar os meninos-prodígios que abandonam os bancos do ginásio para ir brilhar nos suplementos literários, genídeos precoces que não conseguiram atravessar o exame final de português, e atingem da noite para o dia o pínculo da fama, às custas de habilidade em cruzar fogos com os mandões da hora, os quais, por sua vez, tiram partido, da «adoção» dos pupilos, mobilizando-os em favor de seu próprio cartaz. Puro «jogo» portante.

Assim se improvisam homens de letras não se faz o verdadeiro aprendizado das letras. Por isso, continuaremos ainda a ter uma literatura de quinta classe cheia de meninos-prodígios que vivem a repetir os mais velhos das outras nações. Passam-se os anos e não se produz nenhuma modificação sensível nos quadros gerais da literatura que aqui se faz. Continuamos a publicar livrinhos, em meio a um ou outro trabalho mais importante. Mas nada se faz no sentido de afirmar definitivamente nossa literatura como literatura, de dar-lhe maioridade e independência. E continuaremos a produzir sem rumo, sem padrões. E a dar maior importância ao aspecto social, exterior, da literatura, à biografia dos autores, desdenhando as obras. Porque nossa produção é fraca, acentuamos e superestimamos a vida literária. Nossas histórias literárias são histórias sociais da literatura; vazias de critica».

Não quisemos deixar de escapar a oportunidade de entrar no assunto predileto do nosso entrevistado, que, digamos de passagem, declinou recentemente a oferta para assumir a critica de um dos grandes matutinos cariocas.

— «Já que falou em critica — perguntamos-lhe, acredita que ela poderá influir no nosso desenvolvimento literário?

— Acredito-o firmemente. O futuro de nossa literatura está intimamente ligado a uma modificação urgente em nossas concepções sobre a critica. Penso com Paul Elmer More que o disse da literatura americana, no começo do século: não teremos literatura enquanto não tivermos critica. Mas, antes de tudo, devemos definir a critica. Deixemos o equívoco de confundir critica com comentário ou noticiário ou revista de livros, feitos nos jornais. Isso é legítimo, mas como jornalismo, não como critica. É jornalismo literário, destinado a informar e publicar sobre o movimento editorial, naturalmente informação tanto melhor quanto feita por pessoa autorizada. Os anglosaxões têm possibilidade de bem esclarecer a situação, pois a língua lhes fornece dois termos para as duas operações distintas que nós nos acostumamos a designar somente por critica. Eles distinguem review de criticism. A primeira palavra indica o noticiário de livros (bookreviewing) feito em jornais. Para fazê-los é necessário ter certa cultura, certa preparação literária, certo gosto, boa informação, padrões criticos, certa educação critica. Review é a popularização da critica, mas não é critica. A critica está para a review, como as ciências anatómicas e fisiológicas estão para a medicina prática. Diferem critica e review na natureza, métodos, estilo, finalidade, técnica, linguagem.

Nós nos acostumamos a encerrar o simples reviewer como critica e a considerar critica aquilo que, escrito originalmente como informação bibliográfica comentada, para jornais, é reunido depois em volume com o intuito de fazer passar à posteridade como critica. Leiaamos hoje os estudos de José Verissimo, de Medeiros e Albuquerque e outros do seu tempo, e ficaremos tristes de termos que levar aqueles artigos superficiais e circunstanciais à conta de critica.

É uma reforma nessa con-

A ORGANIZAÇÃO da Comissão Nacional de Folclore foi uma das iniciativas mais fecundas do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, no seu propósito de incentivar os estudos brasileiros e fazer um levantamento geral das condições da cultura no Brasil.

A acolhida que a Comissão tem recebido justifica otimismo, embora a tarefa seja muito grande e nem se lhe possa avaliar sequer a magnitude.

O trabalho inicial tem de ser balizar o terreno. Até agora, salvo algumas tentativas, como a do Mário de Andrade no Departamento de Cultura de São Paulo, e as pesquisas sistemáticas de Luis Heitor, apoiado pela Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, tudo é ação individual. O resultado é que podemos realizar certos trabalhos em determinados setores, fazer uma obra conceitual de valor, agitar idéias e princípios, mas a sua estruturação fica sempre deficiente, por faltarem os elementos básicos que só a pesquisa nos permite. Na realidade, cada vez que vamos a um lugar, fazemos descobertas surpreendentes, cujo significado principal é nos mostrar o pouquíssimo que temos. No meu setor, por exemplo, de música popular, quase todas as nossas conclusões podem ser retificadas amanhã, quando o material recolhido for quantitativo e qualitativamente representativo de todas as expressões da folclórica brasileira. Há certos assuntos em que quase nada se fez, como por exemplo em coreografia popular. A filmoteca folclórica brasileira é extremamente reduzida. As fotografias deficientes e as últimas que têm aparecido preocupam-se mais com os ângulos artísticos do que com os planos reais. Entretanto, o terreno da música popular tem sido cuidado com certo carinho, e o único que ingressou nas universidades (só escolas de música têm cadeira de folclore) é aquele onde se tem pesquisado com maior atividade. Nos demais, nem é bom falar.

Por isso mesmo, a primeira preocupação da Comissão Nacional de Folclore se dirige para um recenseamento — por enquanto muito vago, pois o trabalho da mesma é desinteressado e não dispõe ainda de recursos necessários — no sentido de se conhecer, através das grandes regiões brasileiras, quais são os elementos de maior relevância, que se possam coletar desde logo, não só para sua sistematização, como também para servir de orientação e de ponto-de-partida.

A Comissão é um órgão centralizador e distribuidor e tem de trabalhar com todas as insti-

tuições oficiais e particulares que se interessam pelos problemas das artes e tradições populares. Nesse sentido, o esquema que adotou, da autoria do meu distinto colega Professor Joaquim Ribeiro, indica suas atividades, mas valendo-se daquelas entidades. Assim, temos de recorrer a todos os centros

de estudos e procurar neles o apoio e o auxílio para a obra a executar.

Serão de um valor inestimável as comissões estaduais, com as quais a Comissão Nacional terá de subdividir os seus labores, e as sociedades privadas, que deverão nos dar o contingente de seus meios de trabalho, e de

seus estudiosos e pesquisadores. A Comissão não é um departamento, é um centro de concentração e de distribuição, que tem de orientar, coligar, estimular, auxiliar e assistir, mas ela própria não pode fazer, não tem caráter executivo. Com a colaboração, que vem recebendo e o entusiasmo dos grandes

folcloristas brasileiros, que nela têm assento ou dela participam, está perfeitamente em condições de norrear essa mobilização geral do folclore brasileiro.

Toda a dificuldade está nos meios materiais, extremamente precários. Necessitamos de uma extrema boa vontade — e por que não dizer? — de um largo espírito de desprendimento e de sacrifícios mesmo. Trata-se de obra de patriotismo e de dedicação ao Brasil, à sua cultura e ao seu conhecimento, que nem todos reconhecem e não raras a negam. O folclore ainda é considerado por muita gente uma amável diversão, como se fosse possível qualquer conhecimento de um povo sem se lhe desvendarem os mistérios da sua alma; as sobrevivências que lega o tempo, as persistências que os costumes determinam, como precipitando da sua realidade psicológica.

Não podemos, porém, perder tempo em medir a extensão da tarefa nem as dificuldades que se nos depararão. Será esse um exercício inútil e desencorajador, quando, mais do que nunca é necessário entusiasmo e de disposição de fazer, pouco que seja, mas sempre alguma coisa.

Precisamos, e a palavra não é exagerada, de um certo heroísmo nessa campanha, desprezando o individualismo tão nosso, para uma atividade social intensa, na qual a pesquisa deve prevalecer sobre tudo mais, a fim de preparar o labor dos que vierem depois.

A Comissão Nacional de Folclore não aparece, porém, com ares de herói nem com arruachos de quixote. Está trabalhando modestamente, com os meios de que dispõe, fazendo obra de boa vontade e despertando o amor pelo conhecimento de nossas artes e tradições populares. Esforça-se, por todos os meios para concentrar os elementos de trabalho e de dedicação pela causa, somar todos os valores e pô-los em movimento de tal sorte que seja possível iniciar um programa de irrecusável amplitude. E, à proporção que surgir na sua realidade, há-de seguramente interessar aqueles a quem cabe favorecer essas iniciativas e lhes dar os meios necessários de conseguir seus intentos.

Por enquanto — com o apoio do IBEC e a solicitação assistencial do seu ilustre presidente, doutor Levi Carneiro, também presidente da CNFL, estamos fazendo uma larga consulta e recenseando os folcloristas brasileiros, a fim de que, depois de uma troca de vistas, possamos orientar nossas atividades, com segurança, e garantia de êxito.

Caminhos do Folclore Brasileiro

RENATO ALMEIDA



CERAMICA DE CARUARÚ (PERNAMBUCO) — FOTO DE J. DE MATOS SEQUEIRA

EXPOSIÇÃO DE FOLCLORE NA RESIDÊNCIA DE CECÍLIA MEIRELES

ALCANÇOU verdadeiro êxito a "Pequena Exposição de Folclore" que Cecília Meireles, com muito carinho, soube organizar em sua residência, nos dias 16, 17 e 18 do corrente mês, franqueando-a a um limitado círculo dos nossos meios culturais e sociais.

Essa feliz iniciativa, traduz o alto interesse que os estudos e pesquisas das nossas tradições populares já estão despertando entre nós, com o recente surgimento da Comissão Nacional de Folclore — uma das entidades do IBEC — e da qual faz parte aquela ilustre escritora.

Vários colecionadores cooperaram também nessa exposição, enriquecendo-a com objetos curiosíssimos, de fundas raízes populares, procedentes das diversas regiões do país.

Diante desse verdadeiro desfile do próprio Brasil, através das genuínas representações artísticas do nosso gênio popular, pode-se avaliar a amplitude da tarefa confiada àquele Comissão: dirigida por Levi Carneiro e Renato Almeida, e da qual Cecília Meireles acaba de nos proporcionar um seguro e magnífico roteiro.

No suplemento "Pensamento

da América" daremos pormenores da "Pequena Exposição de Folclore", em que ainda figuraram objetos dos países americanos e europeus.

Elementos representativos do nosso mundo social e intelectual tiveram oportunidade de presenciarem na encantadora residência de Heitor Grilo e Cecília Meireles uma expressiva manifestação cultural e que já constitui, entre nós, um marco definitivo para o desenvolvimento dos estudos das tradições da nossa terra e da nossa gente.

DEPOIS de longa hesitação, o ministro Clemente Mariani adotou afinal uma solução para o caso do acordo ortográfico inter-acadêmico: vai submetê-lo ao exame do Congresso. Solução, de resto, democrática e constitucional. Não é o momento de discutir se a nova reforma ortográfica é boa ou má. O que interessa é saber se o acordo celebrado entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras tem ou não tem validade, uma vez que foi autorizado por um convenio diplomático assinado pelos governos de Portugal e do Brasil. O sr. João Neves, que tem autoridade para falar, declarou certa vez na Academia que o governo brasileiro de vez em quando assina convenios internacionais que não cuida, mas, de qualquer forma, um costume que já se tornou tradicional no Hamarati. O ministro da Educação, depois de historiar os fatos, diz o seguinte, com a maior naturalidade:

Em consequência dessa Convenção Internacional, foi enviada a Portugal, com representação oficial do governo brasileiro, uma comissão da Academia de Letras incumbida de promover, juntamente com a Academia das Ciências de Lisboa, a elaboração das bases definitivas da ortografia da língua, eliminando as divergências ainda existentes.



O ACORDO ORTOGRAFICO

Por força do decreto-lei número 8.286, de 6 de dezembro de 1945, que aprovou o acordo então levado a efeito, é que a Academia Brasileira de Letras acaba de publicar o "Vocabulário Ortográfico Resumido da Língua Portuguesa".

Acontece, porém, que a Carta de 10 de novembro de 1937, vigente na época em que firmou a Convenção Ortográfica, exigia em seu art. 74, letra d, o aprovação pelo Poder Legislativo dos tratados e convenções internacionais celebrados pelo presidente da República. Tal aprovação teria de realizar-se, então, por decreto-lei do presidente da República, que exercia, cumulativamente, o Poder Legislativo, já que não estavam em funcionamento a Câmara dos Deputados e o Conselho Federal.

Entretanto, a Convenção foi promulgada por decreto, (decreto número 14.533, de 18 de janeiro de 1944), o que não satisfaz à exigência constitucional, nem pode valer como referendado legislativo.

Dentro desse modo de pensar, com o qual se manifestou de acordo o senhor ministro das Relações Exteriores, e que foi aprovado pelo exmo. sr. presidente da República, a Convenção Ortográfica entre o Brasil e Portugal necessita ser referendada pelo Congresso Nacional, ao qual será encaminhada no tempo e na forma devidos, a fim de que sobre a mesma se pronuncie em última instância.

Nesse sentido, já foi encaminhado pelo exmo. sr. presidente da República a exposição de motivos ao ministro das Relações Exteriores para que seja elaborada mensagem ao Congresso.

Até está. E enquanto o Congresso não resolve, continua o caso ortográfico...

O Clube dos 40...

Estão a terminar as férias acadêmicas. Muitos acadêmicos, de volta de estações de águas e de repouso, já se encontram no Rio. Muitos deles, para natal saudades, têm ido ao Petit Trianon, tomando o clássico safrzinho do Cesarão. Os srs.

Miguel Osorio, Olegario Mariano, Celso Vieira, Peregrino Junior e Muelo Leão, vez por outra, vão à Academia, onde birram um papo e tomam o seu café. Faz-lhes falta o lero-lero vespéral do café do Cesarão — aquele encontro amável de amigas-feiras, alguns dos homens mais ilustres do Brasil — para uma hora de troca de impressões, e de comentário cordial de pessoas e coisas da nossa vida cultural. A Academia, nessas instâncias, é sobretudo um club — um club fechado, ao qual só 40 homens podem pertencer...

Namoros com a Academia...

No delicioso discurso que fez na casa de Peregrino Junior, o sr. Raimundo Magalhães Junior aludiu, com muita graça à sedução do sardão acadêmico, que "muita gente desejaria vestir... ao menos para tirar retrato". O discurso de Magalhães Junior, aliás, cheio de fina ironia, foi uma pequena obra prima de terrina intelect-

tual e malícia literária. Os acadêmicos que o escutavam — srs. Olegario Mariano, Pedro Calmon, Rodrigo Otávio Filho, Manoel Bandeira, Peregrino Junior — acharam muita graça, e não foram decerto indiferentes às insinuações sutis do futuro candidato, cujo namoro com a Academia está sendo tão gentil e inteligente.

Não irão à Espanha

Os srs. Gustavo Barros e Peregrino Junior não aceitaram, desta vez, o convite da Real Academia Espanhola, para visitar a Espanha e assistir à segunda parte das comemorações cervantinas. Ambos os acadêmicos escreveram ao sr. José Maria Peman, presidente da mesa da Assembléia Cervantina de la Lengua, agradecendo o convite e excusando-se de comparecer.

Embaixador Macedo Soares

Depois de ter conseguido purificar o PSD, o embaixador Macedo Soares vem ao Rio, onde vai passar cerca de quinze dias descansando. O sr. Macedo Soares tem sido muito procurado pelos seus amigos e confrades da Academia.

Avião Rodrigo Otávio

Foi batizado com o nome de Rodrigo Otávio um avião da Campanha Nacional de Aviação. Parabenizando o avião, fez o elogio de Rodrigo Otávio o sr. Haroldo Valadão.



Poema de Wilson Figueiredo

Terra plantada

VAI-TE EMBORA, VAI, MULHER QUE AMEI. O SOL NÃO TEM OCASO NOS DOMÍNIOS DE MEU SONHO...

LEVARÁS MUITO TEMPO TE AFASTANDO DENTRO DE TERRAS QUE ME PERTENCEM. EM VÃO, MEU ESPÍRITO TE ASSISTIRÁ.

AO VENTO QUE VELE TEU CORPO E COLHA TEUS ALIMENTOS; POSSO DIZER AO CÉU QUE SE AJOLHE E BEIJE TUA BÓCA.

QUANDO JÁ ESTIVERES À ENTRADA DA PRIMEIRA CIDADE; E TALVEZ EU ESTEJA DE CORPO PRESENTE, ESPERANDO-TE AÍ.

ABERTO EM RISO COMO ESTES CAMPOS DEPOIS DA COLHEITA, QUANDO O VENTO AJUNTA PALHAS SECAS PARA O FOCO

SEI QUE AINDA VIRÁS, ARREPENDIDA, DORMIR A MEUS PÉS ENQUANTO MEDITO. E PEDIRÁS UMA CANÇÃO DE SETE PALAVRAS QUE TE ANESTESIA DO OUTRO QUE TE AMOU.

LETRAS E ARTES inicia hoje a publicação de vários trabalhos de um grupo de jovens poetas e escritores mineiros. As relações literárias entre Belo Horizonte e o Rio de Janeiro são das mais íntimas.

A DESCIDA mística de "La lute avec l'ange" e a posterior adesão do romancista André Malraux às hostes degaullistas vieram densificar, para muitos, um seríssimo problema.

Há um pressuposto em todo o conjunto que constitui o sentido ideológico da obra do romancista francês. Esse pressuposto é o decadência da civilização ocidental de classes.

Uma classe, no poder, comanda a sociedade organizada segundo seus interesses. E comanda, realmente, enquanto esses interesses correspondem aos das demais classes sociais existentes na estrutura da sociedade.

Tornada incapaz, entretanto, de dirigir a sociedade, tornado o sistema social por ela organizado um impedimento ao desenvolvimento das novas forças sociais que crescem em seu seio, a sua luta se processará, desde então, não mais no sentido do progresso e do aperfeiçoamento das formas de vida social, mas no da manutenção do poder que lhe garante a ordem de comunhão.

Desde esse momento, o sentido de sua própria existência, como classe, passa a ser dominado por uma contradição; a

Essas reflexões nos ocorrem à leitura de "Voie Royale", um dos primeiros livros de Malraux. Romance de mocidade, é, não obstante, um dos mais característicos do autor e pode ajudar, por isso mesmo, a elucidar alguns pontos sobre os quais permanecia a incompreensão em relação à sua obra.

NOVIDADES MINEIRAS

OTTO MARIA CARPEAUX

Não é preciso apresentá-los. Sabarão fazê-lo, eles mesmos. Wilson de Figueiredo e Helio Pellegrino, aos quais acrescentei Edmur Fonseca, já são conhecidos, entre nós, como poetas de grande intensidade emocional.

Todos eles se caracterizam por uma qualidade comum: energia intelectual. São — sejam católicos ou comunistas, existencialistas ou kafkaianos, esses adjetivos precisam não ser tomados ao pé da letra), sempre são extremistas, mas extremistas de uma lucidez que exclui o fanatismo; em todo mineiro há algo de um cético. Para sentir aquela energia, que pretende renovar o mundo e em primeira linha a si mesma, é preciso lê-los nas entrelinhas.

ANDRÉ MALRAUX

WALTER RIBEIRO DE ANDRADE

Essa é o pressuposto, sem solução emerge a decadência, a lenta decomposição da estrutura social e de todas as formas de vida dela oriundas. Dependência da humanidade erguida sobre essas formas de existência e de toda a vida ideológica surgida de suas entranhas, porque esta passou a refletir, inevitavelmente, os motivos e as contradições, o conteúdo próprio da civilização que morre.

Esse é o pressuposto, sem a noção do qual se torna impossível a compreensão da obra de Malraux: a agonia da civilização ocidental criada pela Lugesia e seu reflexo na vida dos homens e na cultura, tendente a justificar-se.

Místico sem deus, criador de "heróis" no sentido nietzschiano

de uma palavra, Malraux é chamado por muitos de "romancista da aventura" e que assim o dizem com um certo sentimento mais amplo metafísico, e chegam a concluir talvez errado da observação de que, em toda a obra, violenta negação de todos os valores humanos, os homens parecem se jogar na vida para salvar ou conquistar qualquer coisa, mas procurando na própria ação os seus objetivos.

Mas, nesses termos, continua obscura a questão: o que consiste essa aventura? Será ela uma simples procura de emoções, destituída de qualquer sentido humano? Ou, respondendo a isso assim, em "Voie Royale", Malraux põe, na cabeça do seu herói, Cláudio, esses pensamentos: "O que é a aventura não é uma fuga sem uma causa; a ordem do mundo não se destrói ao influir do azar,

mas pela vontade de aproveitá-lo. E se existe uma aventura que domina todo o sentido de sua obra, esta aventura é a que, na base de uma desolada compreensão da inutilidade da existência, se realiza pela atitude metafísica de separação do mundo, atitude que nada mais representa senão uma consciente aceitação da morte.

Em "La Voie Royale", apesar de ser esse ainda um romance de mocidade do autor e elaborado a densidade nem sempre penetrável de algumas de suas páginas, vemos esta aventura se desenvolver em toda a sua extensão humana e metafísica, na expedição de Cláudio e Perken ao interior das selvagens asiáticas.

Assim, podemos concluir: Malraux, realmente, fez da aventura um dos elementos de sua obra, e a ação a linguagem dos "heróis", a mais poderosa e pessoal expressão de vida de seus personagens. Mas, se, no caso, a ação não visa finalização de alguma, é uma força negativa, visto mesmo ela se define e mostra suas raízes. Ela nasce, não de um desejo de melhorar

o mundo, mas da ansia de negá-lo. E se existe uma aventura que domina todo o sentido de sua obra, esta aventura é a que, na base de uma desolada compreensão da inutilidade da existência, se realiza pela atitude metafísica de separação do mundo, atitude que nada mais representa senão uma consciente aceitação da morte.

Em "La Voie Royale", apesar de ser esse ainda um romance de mocidade do autor e elaborado a densidade nem sempre penetrável de algumas de suas páginas, vemos esta aventura se desenvolver em toda a sua extensão humana e metafísica, na expedição de Cláudio e Perken ao interior das selvagens asiáticas.

Assim, podemos concluir: Malraux, realmente, fez da aventura um dos elementos de sua obra, e a ação a linguagem dos "heróis", a mais poderosa e pessoal expressão de vida de seus personagens. Mas, se, no caso, a ação não visa finalização de alguma, é uma força negativa, visto mesmo ela se define e mostra suas raízes. Ela nasce, não de um desejo de melhorar

o mundo, mas da ansia de negá-lo. E se existe uma aventura que domina todo o sentido de sua obra, esta aventura é a que, na base de uma desolada compreensão da inutilidade da existência, se realiza pela atitude metafísica de separação do mundo, atitude que nada mais representa senão uma consciente aceitação da morte.

Em "La Voie Royale", apesar de ser esse ainda um romance de mocidade do autor e elaborado a densidade nem sempre penetrável de algumas de suas páginas, vemos esta aventura se desenvolver em toda a sua extensão humana e metafísica, na expedição de Cláudio e Perken ao interior das selvagens asiáticas.

Assim, podemos concluir: Malraux, realmente, fez da aventura um dos elementos de sua obra, e a ação a linguagem dos "heróis", a mais poderosa e pessoal expressão de vida de seus personagens. Mas, se, no caso, a ação não visa finalização de alguma, é uma força negativa, visto mesmo ela se define e mostra suas raízes. Ela nasce, não de um desejo de melhorar

seu e seu silêncio impenetrável. No interior da Índia-China Francesa jogam-se Cláudio e Perken, ao encalço de uma selva passageira perdida na "jungle", a Estrada Real, junto a qual se escondiam restos de uma civilização desaparecida, os templos "kmers" e seus baixos-relevo e estátuas de um valor inestimável.

Descobertos os templos e suas peças o Libertado Grahob, um terceiro personagem, volta a expedição. Na parte final do romance, entretanto, ela é de novo retomada por Perken, pouco antes de sua morte, e Cláudio, dessa vez no caminho das regiões chamadas "Insulmissas", no intuito de impedir a sua pacificação, que, por bem ou por mal, seria levada a efeito, pela coluna dos colonizadores franceses, empenhada na construção de uma ferrovia que viria cortar ao meio as regiões do interior até às proximidades do Célio.

O que sucede é que, em "Voie Royale", a procura da Região Insulmissa apenas reflete, em outro sentido, a verdadeira aventura dos "heróis": a busca de um estado humano de insubmissão ao mundo.

E, nêles, o caminho da insubmissão consiste num progressivo despojamento, na liquidação dos mais elementares laços que tendem a ligá-los ao destino dos demais e de todo o universo. Uma a cada vez, as "preocupações dos homens" são extirpadas do coração dos "heróis" de "Voie Royale".

Se a primeira preocupação de cada homem, em face de seu destino, é a da procura de um sentido para a sua própria vida, partem do oposto os "heróis": a consciência da inutilidade da existência e, nêles, a base, o primeiro passo para a aventura metafísica da separação.

Assim, enquanto que, para os homens, a razão de ser da ação reside na necessidade de conquistar ou defender alguma coisa, seja esta um direito ou um princípio que oriente a vida, ou a vida, simultaneamente, sem nenhum princípio, a condição fundamental da ação é, para Cláudio, "a ausência de uma finalidade dada à vida".

Ve-se, daí, que, da posição assumida por Cláudio, resulta a negação, não apenas dos sentidos de vida nascidos de uma determinada situação histórica, mas de todo o sentido que o mundo será capaz de proporcionar à existência de seus filhos. A ordem do mundo será sempre a mesma, e os homens também. Daí, Perken, em um certo momento, salientar, que o "valor", em virtude do qual Grahob se achava, mais do que eles próprios, separado do mundo, vinha principalmente do fato de que ele já não guardava mais esperança, e nem a inquietude espiritual, que, "por débil que seja, une ao universo".



Dois poemas de Helio Pellegrino

Canção

MORRE POR MIM ESSE QUE MORRE NA MAIS SENSÍVEL DESRAZAO. MORRE POR MIM ESSE QUE APAGA O SOL DA TARDE COM A MAO.

MORRE POR MIM... NO CREPUSCULO HA UM RESTO DE LUZ. CAI DE LEVE SOBRE O SILENCIO DA HORA... MORRE POR MIM ESSE QUE CHORA.

POR MIM QUE NÃO MORRO, MORRE ESSE QUE AMADURECE CALADO. POR MIM QUE NÃO MORRO... A CERTEZA DO PASSO FATALIZADO

VIVO AVANÇANDO NO FRIO. UM PÉ CAMINHA NA TERRA OUTRO PÉ A NAVEGAR SE PERDE —

E A CABECA IMÓVEL REPOUSADA SOBRE O MAR.

Sentimento do tempo

ESTA É A TARDE INOLVIDÁVEL. ETERNO, O MOVIMENTO SEU AZUL. LIQUIDAS SE ACUMULAM AS SUAS PALAVRAS, ACIMA DAS NUVENS. A FLOR NÃO SE DESPRESA MAIS. NEM SE DESMEMBRA A HASTE SUA — TÃO FIEL! — SEM RENOVADA PROCURA. MARCHAMOS ATÉ O CARINHO, ATÉ O SONO, ATÉ A ACUA MULTÍPLICE NA PEDRA, ATÉ A SOMBRA NA ARCADE DO LÁBIO, PROPICIA AO DESCANSO PRES-SENTIDO.

SEM CULPA, SEM DESESPERO, QUASE NOS BRACOS DO CÉU, ENTRE PASSAROS DE CARNE E BRONZE, CANTAMOS A EXCISÃO DOS DIAS, E A DELICADA TESSITURA DA MORTE NOS OUVIDOS, NOS OLHOS, UMEDECE A ESSÊNCIA NOSSA, FRIAVEL COMO A ROCHA, MAIS PUROS ESTARIAMOS, PORÉM, SE DE NADA NOS LEMBRÁSSEMOS. E NOS CURVÁSSEMOS SENSÍVEIS AOS CAMINHOS DO OR-VALHO.

POR QUASE NADA GEMEMOS. A MAIS ALTA ROSA RESISTE OU NÃO AO VENTO, E CUMPRE O SEU DESTINO SEM PERGUNTAR OU REDARGUIR, FURIOSOS NOS TORNAMOS DE ENCONTRO À SUBSISTENTE ETERNIDADE. MAIS FORA O SÁBIO.

QUE NOS CALÁSSEMOS, E ENTRE O MUSGO E A RELVA DESVENDÁSSEMOS O SONO, AMPLA CERTEZA, CALIDO SENTIMENTO ANTIGO, CRISTAL DE FACES ACORDADAS.

Poema de Edmur Fonseca:

Aí estou

NOS SEIOS POR MIM TOCADOS SURPRESA E DUNAS DE PAO MADUROS TONS DESCOBERTOS

AI ESTOU

NOS LÁBIOS QUENTES MORDIDOS VULTO DE POÇO, ROMA VINHO CANTO SOL DA TARDE

AI ESTOU

TAMBÉM NAS MÃOS POSSUÍDAS NA PALMA CONCHA ENSAIANDO ASA NO TEMPO ESPALMADA

AI ESTOU

NOS TEUS CABELOS NOS OLHOS NO TEU VENTRE DESCOBERTO NAS TUAS COXAS DE PÉ

AI ESTOU

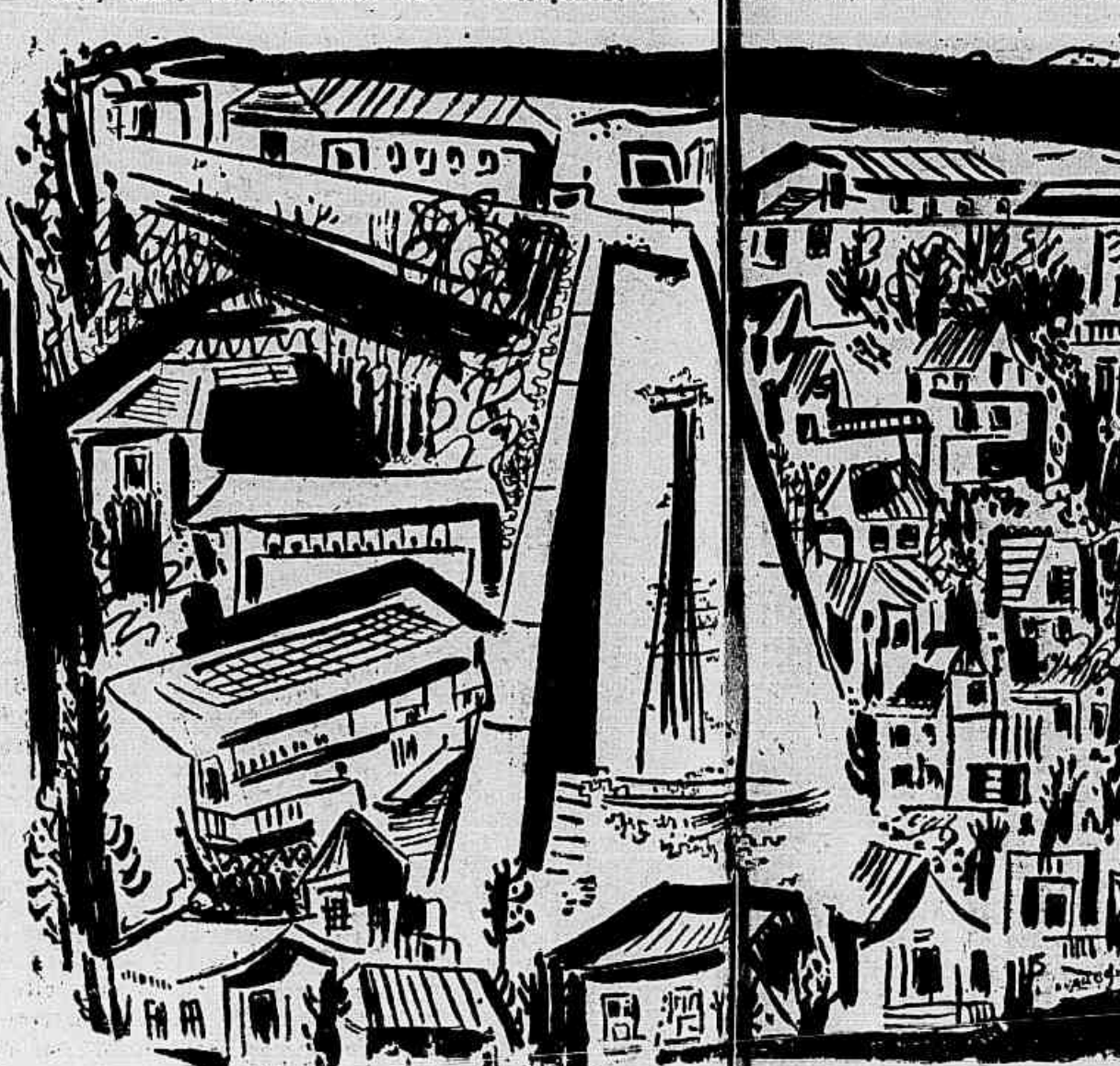
EM TI ESTOU. NO MISTÉRIO DE TU SANGUE SURPRENDIDO DE TU FAÇA EXTASIADA; POÇO ESTRADA BERRO VIVO...

AI ESTOU

D. JOSE' NÃO ERA

Conto de MURIL RUBIÃO

Sofia, sim. Não lhe tinha nenhuma afeto. Infelicidade conjugal? Nunca! Os esposos combinavam admiravelmente bem. Mas, entre os habitantes da cidade, não havia quem acreditasse nisso: — Ela fingia amor, somente pela sua riqueza. Estúpido! D. José era o herói



"Quê Preto", de LOUIS BARBERA

mem mais pobre do município e tinha uma úlcera ao estômago. A mais leve defesa, contraplanando-se novas acusações: — E os meninos, que choram

D. José falava sempre de um livro que estava escrevendo. Cheio de monstros. Era uma fábula? Não. Os monstros viviam na casa dele, ao alcance de sua mão. Seria a mulher um deles? Jamais o disse a ninguém.

Um dia encontraram D. José enforcado. Disseram imediatamente: — Está fingindo que se suicidou. O nó está pouco apertado. — Olha que cara matreira! Está zombando de nós. Sufocados! D. José se suicidara mesmo. Por que? Todo o mundo fingiu não saber.

Aos que lhe tomaram a defesa, anos após a sua morte, perguntavam: — Afinal, o que fazia esse D. José? Se não fumava, não bebia, não tinha amantes? Amava o povo? Observava ferozmente todos os passos de D. José.

Mais tarde erigiram-lhe uma estátua. Com um distico: "D. José, nobre espanhol e beneficor da cidade". Derradeira mentira! D. José era um pobre diabo e não possuía nenhuma nobreza espanhola. Chamava-se Danilo José Rodrigues.

FOMOS, novamente, e fomos, ainda uma vez, buscar no universo machadiano algumas figuras Império. Essas figuras dançam em nossa imaginação, entre névoas de uma história do Brasil aprendida aflitadamente liceus, sob o acicate do medo — o medo da reprovação nos exames, que enche, dramaticamente, a vida do adolescente. Mas, enquanto a nossa memória elas parecem hirtas, solenes, antes luscitões do que criaturas humanas — nas páginas de Machado, as personalidades políticas do segundo reinado nos são porventura restituídas em sua expressão fiel, ou pelo menos naquela que lhe conheceram os seus contemporâneos.

Colhamos, aqui e ali, na crônica do velho senado, os traços por vezes rápidos com que Machado nos dá uma imagem viva dos estadistas da monarquia.

Zacarias, natureza seca e sobranceira

«Zacarias fazia reviver o debate pelo sarcasmo e pela presteza e vigor dos golpes — conta Machado. Tinha a pala-

Política & Letras

FIGURAS DA MONARQUIA INCORPORADAS AO MUNDO MACHADIANO

DISRAELI

vra cortante, fina e rápida, com uns efeitos de sons guturais, que a tornavam mais penetrante e irritante. Quando ele se erguia, era quase certo que faria deitar sangue a alguém».

«Era uma natureza seca e sobranceira. Um livro que foi de seu uso, uma história do Clarendon («History of the rebellion and civil wars in England»), marcado em partes, a lápis encarnado, tem uma sublinha nas seguintes palavras (vol. I, pag. 44) atribuídas ao conde de Oxford, em resposta ao duque de Buckingham, «que

não buscava a sua amizade nem temia o seu ódio». E arriscado ver sentimentos pessoais nas simples notas ou lembranças postas em livros de estudos, mas aqui parece que o espírito de Zacarias achou o seu paroloso».

Isto, na política, adverte Machado. Na vida particular, Zacarias era simples e llano, amigo e conchado. Pessoas que o frequentaram dele diziam que «sob as suas árvores da rua de Conde ou entre os seus livros, era um gosto ouvi-lo e raro haverá esquecido a graça e a polidez de seus obséquios».

Nabuco, orador para debates solenes

Nabuco era especialmente orador para os debates solenes. Não tinha o sarcasmo de Zacarias, nem o epigrama alegre de Cotegipe. Sua palavra era modelada pelos oradores da tribuna liberal francesa. «Minha impressão — diz Machado — é que preparava os seus discursos, e a maneira por que os proferia realçava-lhes a matéria e a forma sólida e brilhante. Gostava das imagens literárias: uma dessas, a comparação do poder moderador à estátua de Glau-

co, fez então fortuna. O gesto não era vivo, como o de Zacarias, mas pensado, o busto chelo era tranqüilo, e a voz adquiria uma sonoridade que habitualmente não tinha.

Quem seria?

Machado fala, com malícia, de um senador insignificante, que só se fazia notar pela sua docilidade ao comando de Itaboraí. Quem seria? Já não é possível identificá-lo, a não ser que nos disponhamos a examinar as coleções de jornais da época. Leia-se o trecho:

«Mas eis que todas as figuras se atropelam na evocação comum, as do grande peso, como Uruguai, como as de pequeno ou nenhum peso, como o padre Vasconcelos, senador creio que pela Paraíba, um bom homem que ali acheli e morreu pouco depois. Outro, que se podia incluir nesta segunda categoria, era um de quem só me lembram duas circunstâncias, as longas barbas grisalhas e sérias, e a cautela e pontualidade com que não votava os artigos de uma lei sem ter os olhos pregados em Itaboraí. Era um modo de cumprir a fidelidade política e obedecer ao chefe que herdara o bastão de Enébio...»

(Conclusão da 4ª pag.)

cepção que se impõe, reforma ligada à outra no ensino da literatura. Há evidentemente uma zona de imprevisível e pessoal no talento criador. Mas há por certo uma área que se desenvolve e se aprimora pelo aprendizado técnico. Na literatura americana há disso um exemplo típico: é a figura, por mim já citada, de Thomas Wolfe, expressão autêntica de força telúrica, mas também produto de aprimoramento técnico universitário.

— Assim, pois, a reforma se basearia em dois pontos...

— O ensino literário, de um lado, ensina não do aspecto exterior da literatura, mas baseado no estudo da obra em si, do texto, pois podemos desdenhar do social, até mesmo do autor, para compreender, interpretar e julgar uma obra de arte; e a crítica, que por sua vez será aperfeiçoada por ele, não a crítica como nós entendemos, subsidiária do jornalismo, simples revista comentada de livros novos, mas a crítica num sentido digno aristotélico, análise interna e julgamento da obra de arte, tal como a compreendeu essa figura que é, a meu ver, a mais importante da crítica nos tempos modernos: o inglês Coleridge.

A grande revelação da América foi para mim, não o romance, que já sabia de todo libertado das neias inglesas com a geração naturalista; não foi a poesia, que tem atingido pontos altos, mas está dentro da linha tradicional. Foi a crítica. Não a crítica que se faz nos jornais, como noticiário de livros (bookreviewing) a exercida pelos Clifton Fadman, pelos Orville Prescott, e que, se feita com dignidade, tem sua importância e utilidade a ponto de um crítico da estatura de Edmund Wilson lhe dedicar sua atividade no New Yorker, embora não lhe empreste o caráter da verdadeira crítica que ele escreveu, por exemplo, no livro clássico e estupendo sobre o simbolismo: Axel's Castle.

Refiro-me à alta crítica. Foi justamente a influência fecundante de Coleridge que a fez florescer, numa linha que passou por I. A. Richards, T. S. Eliot, incorporou as modernas experiências literárias e filosóficas, a contribuição marxista, as teorias psicanalíticas, as investigações no inconsciente, os estudos semânticos e linguísticos, e invadiu à pleiade magnífica dos modernos críticos americanos, que se chamam, entre muitos outros, Blackmur, Tate, Cleanth Brooks, Troy, Warren, Philip Rahv, Winters, Ransom, Wilson, Kenneth Burke... Não é este o fu-

gar para estudos e as várias escolas da crítica americana. Cito apenas alguns, para mencionar sobretudo o esforço admirável que vêm empregando na crítica da poesia e na análise de verso, com técnicas absolutamente revolucionárias, tal como fez também o grande discípulo de Richards, o inglês William Empson em seu famoso livro Seven Types of Ambiguity. Não quero terminar, porém, sem uma referência especial a Kenneth Burke, que me parece o mais importante do

grupo, pela grandeza, pela força e pela originalidade da obra que vem construindo. Homem de cinquenta anos, Burke já se tornara famoso com obras anteriores como Counter-Statement, tendo sua concepção crítica atravessado a fase estética e a fase social, para incorporar também a contribuição semântica, criando termos e padrões para analisar e julgar a estrutura interna da obra literária, sem esquecer suas raízes históricas e sociais. Sua filosofia crítica está sendo

exposta numa obra monumental, em curso de publicação, a trilogia: A Grammar of Motives, A Rhetoric of Motives, A Symbolic of Motives.

A todos os que, entre nós numerosos, não levam a sério, não prestam atenção ou subestimam o que se faz na América, quisera chamar a atenção para homens e obras dessa estirpe. E seguramente uma nova perspectiva que está surgindo para a compreensão e julgamento da obra literária. E, como no caso de Burke,

uma revisão completa dos problemas do sentido e da motivação. Naturalmente, advirto, não será com espírito de facilidade ou com intuíto de embromação que se penetra em obras como a apontada. Elas exigem toda uma diferente atitude de espírito e uma preparação especial. Mas quem consegue chegar até elas, e não fica somente nos best-sellers e nas vulgarizações, sairá bem pago do esforço.

— Que perspectivas vê para o nosso futuro literário?

— Finalizando e em resumo, vejo o futuro da nossa literatura estreitamente dependente de duas reformas: uma reforma técnica, baseada no estudo e no ensino da literatura, da qual depende o nascimento de uma crítica autêntica, que por sua vez modelará nossos padrões literários; e uma mudança de atitude em face do exercício da literatura, mudança esta que nos faça encarar a literatura mais seriamente, não um simples trampolim para o domínio político, social e administrativo, ou para a conquista de um cartaz pessoal. Precisamos mudar nossos hábitos intelectuais que só servem para aumentar nossa desordem mental. Nada disso é fecundante. Como não é fecundante a anarquia que o modernismo nos herdou. Precisamos, aliás, enterrar o cadáver do modernismo. O que ele deu de contribuição positiva já está definitivamente incorporado à história. Mas é absolutamente estéril essa atitude de eterno namoro com o modernismo, como se ele fosse a última palavra, o começo e o fim da literatura brasileira, e a vê-lo como uma espécie de revolução permanente, quando ele é hoje um fenômeno antes reacionário, os seus epígonos já tendo há muito perdido a flama. Por isso é que estamos nesse marasmo intelectual a publicar romancinhos sociais de tipo caudexes, numa ruminação de um velho populismo e de um tema há muito esgotado; e a germinar simples imitadores de Schmidt, Drummond, Baudelaire, num trabalho que nunca mais se acaba de explorar esses modelos. Aliás, para ser justo, desejo registrar a reação saudável que se processa felizmente entre as figuras mais marcantes da novíssima geração, que compreenderam a necessidade de se realizar original e pessoalmente, repetindo assim, a lição eterna dos grandes mestres.

É minha convicção firme que o ensino técnico da literatura nos dará de maneira generalizada os elementos para criar por nossa conta, e só assim deixaremos de possuir uma sub-literatura colonial, — conclui o sr. Afranio Coutinho.



Xilogravura de OSVALDO GOELDI

DE MINHA vida em família, a lembrança mais antiga que me vem, vez ou quando, é a de um casarão enorme, com janelas sempre abertas e comprido corredor com portas para quartos sempre fechados, à espera de hóspedes que raramente chegavam. Lembro de minha mãe, ar severo mas desfazendo-se em cuidados excessivos e ternuras caladas para comigo o Mariano, dos silêncios inquietantes que pesavam sobre os nossos dias, deixando-nos aquela sensação de angústia, aquela tensão permanente; a espera de algo que deveria estar por acontecer e que logo desabasse sobre nós. Mas lembro, sobretudo, de Aninha, ou melhor, dos seus gritos apavorantes rasgando subitamente a noite e apertando-nos o coração de criança, naquele medo, naquele pavor que se rompia em choro angustioso. Aninha, sempre mergulhada nas sombras de seu quarto, cujo acesso nos era rigorosamente vedado, e a quem só conhecia por este nome. Muitas vezes me figurei o que seria Aninha, como seria, quem seria, mas prontamente procurava esquecer tudo, quando me ia tomando um pavor desconhecido, à simples lembrança daquela voz atravessando o nosso sono, como um estilete muito fino, como lamento de animal selvagem ferido de morte.

Tudo isto permanece vivo, ainda, em minha lembrança; daí para trás, mais nada, por maior empenho que faça para captar algum detalhe, qualquer fato, pessoa, uma situação aparentemente sem importância, recuada na memória, para trás dos cinco ou seis anos. Nada, não lembro nada. Sei de pessoas cujas reminiscências infantis atinge até mesmo os três anos de idade; nada porém consigo recordar dos meus primeiros anos. Penso que talvez os acontecimentos daquela época se vincularam de tal maneira em minha consciência que borraram completamente o pouco existente antes deles, e nada, nada ocorrido depois pôde trançar um sulco tão forte na minha lembrança e na minha sensibilidade.

Vem desse tempo os primeiros sinais de que alguma coisa não ia bem; brusca mudança em meu temperamento, em minhas reações, essas depressões inapereadas, que me abatem, fazendo-me fugir ao convívio das ruas, dos clubes, dos centros de diversão.

Dos médicos por cujas mãos tenho passado nada pude, ainda, saber de concreto sobre o meu mal: São sempre frases evasivas, ou cheias de termos esquisitos e misteriosos, pertencentes ao que eles costumam chamar

Concurso de Contos

A N I N H A

BERNAL DE BONAVAL

(Conto classificado no concurso de "Letras e Artes")

nomenclatura científica. Por outro lado, certo pudor de mostrar aos outros minhas desgraças, o horror de inspirar compaixão ou repulsa me tem impedido de procurar saber realmente a extensão de meu mal, o seu verdadeiro significado, obrigando-me, assim, a me fechar cada vez mais comigo mesmo e a fugir ao contacto de todos.

Mas vem daquele tempo, garanto. E por cima de toda aquela tragédia ficaram pairando o casarão enorme, o corredor comprido e escuro, os quartos nunca abertos e os gritos terríveis de Aninha, à noite, que nos enchiam de pavor, a mim e a Mariano, e nos faziam romper num choro desesperado. Lembro de como minha mãe nos apertava em seus braços, chorando ela também, murmurando palavras

que não consigo recordar mas que tentavam, talvez, tranquilizar-nos. Papai raramente nos aparecia, nessas momentos. Lembro que uma manhã, depois de uma noite comprida que o desespero de Aninha fazia maior, ouvi a preta Juliana dizendo na cozinha:

— Coitado de "seu" Antonio, que dificuldade que ele teve para segurar "ela"! Hoje ele estava com os braços cheios de marcas vermelhas, cheios de arranhões!...

A minha presença parada diante da porta interrompeu a fala da negra. Nunca mais pude esquecer essas palavras, e vi mais tarde que nelas estava uma das pontas daquele mistério terrível que pesava na minha infância, e sobre o qual jamais me fôra dita qualquer palavra.

Certa ocasião, ainda após uma noite de desespero de Aninha, terror nosso e prantos de minha mãe, fomos levados às pressas para o sítio de tia Cema, a duas horas de viagem, acompanhados pelo preto Daniel e "seu" Julio, o capataz, deixando o pessoal de casa em grande alvoroço, correrias, ordens baixas e sêcs de meu pai, enquanto um moleque partia a galope para a vila, em busca do doutor Aniceto.

As vezes me parece estranho que depois de tantos anos possa sentir-me como se estivesse vivendo novamente aqueles momentos: lembro do vaso de água quente derramado pelo nervosismo de uma criada, na cozinha, da cara de meu pai, mais fechada ainda, nessa manhã e do grito dado com Daniel: "Come

o Daniel, leva logo essas crianças! Está esperando o quê?" Voltamos para casa três dias depois. Daniel mesmo nos foi buscar, agora acompanhado por um negrinho da fazenda. Chegamos à tardinha, uma chuva miúda caíndo todo o tempo. Mariano choramingou durante a viagem inteira, numa angústia de cria nova abandonada, reclamando da chuva, do frio do nosso rosto, enquanto o preto, desajustado, procurava no seu vocabulário rude e difícil as palavras mais próprias para sessá-lo, apertando-o carinhosamente contra o peito largo.

Chegando em casa, tive o meu primeiro encontro com gente morta. Primeiro e último. Mãe nos recebeu na varanda, olhos vermelhos, e quando entrou na sala, às escuras:

— Aninha morreu!...

Aninha morreu! Por muito tempo, depois pensei e pensei nesta frase nebulosa então, para mim, mas que se foi concretizando, ganhando significação especial, com o rolar dos anos. Ainda está, porém, bem viva na minha lembrança, de mistura com pessoas, fatos, palavras vagas olvidadas, não sei bem em que circunstâncias, mas apontando vez em quando, fazendo renascer em mim aquele antigo terror: — "Aninha morreu!..."

Mamãe nos foi levando pelo corredor. Uma escadaria enorme tomava toda a casa. Mariano começou a chorar. Lá no fundo, uma faixa de luz amarela saía duma porta, projetando sombras enormes na parede frondeira. Meus dedos cravaram-se, nervosos, no braço de mamãe. Parei, aterrado. Era o quarto de Aninha.

— Não, não vou, não. O pavor me tomava. Não! Não! Rontpi num choro desesperado. Não, quero ver, não!

Grávi, gritei, gritei, num choro sacudido.

Não lembro direito do que se seguiu. Tenho apenas uma idéia vaga de ter ouvido Mariano fazendo eco aos meus gritos, desatado também o choro. Sombras imprecisas aproximando-se segurando-me, sacudindo-me. Depois, mais nada.

Nunca mais se falou na fazenda em Aninha, nem em morte. Mas dentro de mim alguma coisa não ia bem. Iam aparecendo, vez em quando, aquelas crises, aquele pranto que se arrebatava repentinamente.

Foi meu primeiro encontro com a morte. Não bem encontro — separava-nos o corredor comprido e negro. Mas nunca, nunca mais pude visitar um amigo morto. Nunca mais entrei nem encontrei num hospital.

Respostas aos concorrentes

J. J. CANOIRO — RIO VERDE — GOIÁS — Muito convencional o seu conto "Regresso do Soldado". Convencional pela maneira de tratar o assunto e pela linguagem. Veja-se este período, logo de início:

"Já nuvens brancas corriam pelo azul, como sonhos em almas jovens". Mas continue a trabalhar. Ser-nos-á muito grato premiar um contista da terra de Carvalho Ramos.

DEMETRIUS LISANDREUS — RIO — O senhor pede para que lhe indiquemos as falhas. Não temos a pretensão de lecionar literatura. O senhor escreve com relativo desembaraço e será capaz ainda de fazer um bom conto. Este, intitulado "Transe", não tem enredo, não possui interesse como conto no mesmo campo; é uma simples impressão um tanto confusa e, sobretudo, desinteressante. Em literatura deve prevalecer, acima de tudo, um preceito: agradar, interessar. "L'ennuyeux est le contraire de l'art" — já dizia alguém.

WLADIR CALDEIRA DE MORAIS — O seu caso é mais ou

menos o mesmo do concorrente acima. "O Louco" não é um conto, mas uma divagação. Realmente, sob a forma de um monólogo pode-se construir um conto, mas o senhor não chegou a realizá-lo. Em todo caso, mostrou que sabe redigir com certa elegância, o que já constitui uma promessa e um estímulo para o futuro.

J. SILVEIRA — MACEIÓ — ALAGOAS — Regozijamo-nos sempre que recebemos traba-

lhos de concorrentes do norte, pois revelam o interesse que o nosso concurso desperta em todos os pontos distante do Brasil. Seu conto "Lolita" está bem aceitável e seria mesmo classificado se o nosso critério não estivesse tendendo para um pouco mais de rigor. É que lhe falta um pouco mais de arte, de finura literária e de interesse humano. Sua história bem feita, ressalva no gênero Dely. Compreende?

IGNOTUS — S. PAULO — A história de assombração que o senhor nos dá no seu trabalho "Numa noite de chuva" é muito velha e conhecida. Isso, porém, não teria importância, se o senhor lograsse apresentá-la de uma maneira nova, essencialmente literária, o que no entanto, não se deu.

SEBASTIAO LOPES — SÃO PAULO — Não entendemos bem o seu conto, "O ovo". E nesse caso, somos levados a supor que o público também não o entenderá. Leia o seu trabalho e veja se não temos razão. Talvez assim venha a refazê-lo com melhor êxito.

Inaugurada a exposição de Louis La Barbera

Teve a maior repercussão em nossos meios artísticos a inauguração dos trabalhos do pintor norte-americano Louis La Barbera, efetuada 5.ª-feira última no Instituto dos Arquitetos do Brasil. Essa mostra, patrocinada pelo Instituto Brasil-Estados Unidos em colaboração com a I. A. B., é franqueada ao público na praça Floriano, 7. 1.º andar, até o dia 3 de abril próximo.

Bilhete para Alcantara Silveira

MARIO DA SILVA BRITO

SÃO PAULO — "Acabo de ler, em "Letras e Artes" de domingo último, sua página "S. Paulo nas Letras e nas Artes", em que V., entre outras matérias jornalisticamente cozinhadas, trata da nova diretoria da ABDE bandeirante, da qual sou 2.º secretário. Dêsse tópico, reproduzo o trecho a seguir: "Muita gente há de se espantar com o nome de Mario da Silva Brito, por ser funcionário da Câmara Brasileira do Livro, instituição que — segundo alguns escritores — é a inimiga n. 1 da classe. Deixando, porém, esta questão de lado, é preciso não esquecer que o ilustre 2.º secretário é, antes de tudo, um poeta que detesta emprego:

"Me fuzilem num paredão me libertem desta cadeia não quero mais emprego porres semanais e livro de ponto."

Seu comentário é dos do "antigo da onça", com quem V. tem, aliás, extraordinária semelhança física, e cujo espírito, agora, parece estar adotando. Perfeitamente, V. quer me colocar mal com a ABDE, que indicou o meu nome para uma chapta. Fui eleito sem sequer ter sido consultado se aceitava ou não a minha indicação e sem também

sequer ter ido votar ou cabalar quem quer que fosse. Minha situação, portanto, perante a ABDE, é profundamente confortável.

Quando V. insinua, tendo à cautela de pôr a culpa em "alguns escritores", que a Câmara Brasileira do Livro é inimiga dos autores, está apenas se incluindo no rol daqueles intelectuais que, não tendo público e permanecendo ineditos apesar de editados, querem ver a causa de seus fracassos nos editores. V. mal sabe o que seja a Câmara Brasileira do Livro. Se alguma vez tivesse lido os seus estatutos, verificaria que aquela entidade muito quer fazer pelo progresso do livro brasileiro — o que reverte em benefício de todos os escritores — tendo mesmo como um dos seus objetivos "defender o direito autorral e pugnar pelo aperfeiçoamento da sua legislação." Acresce dizer que os escritores também podem ser sócios da Câmara Brasileira do Livro, conforme V. saberá quando se der ao trabalho de ler os estatutos daquela corporação.

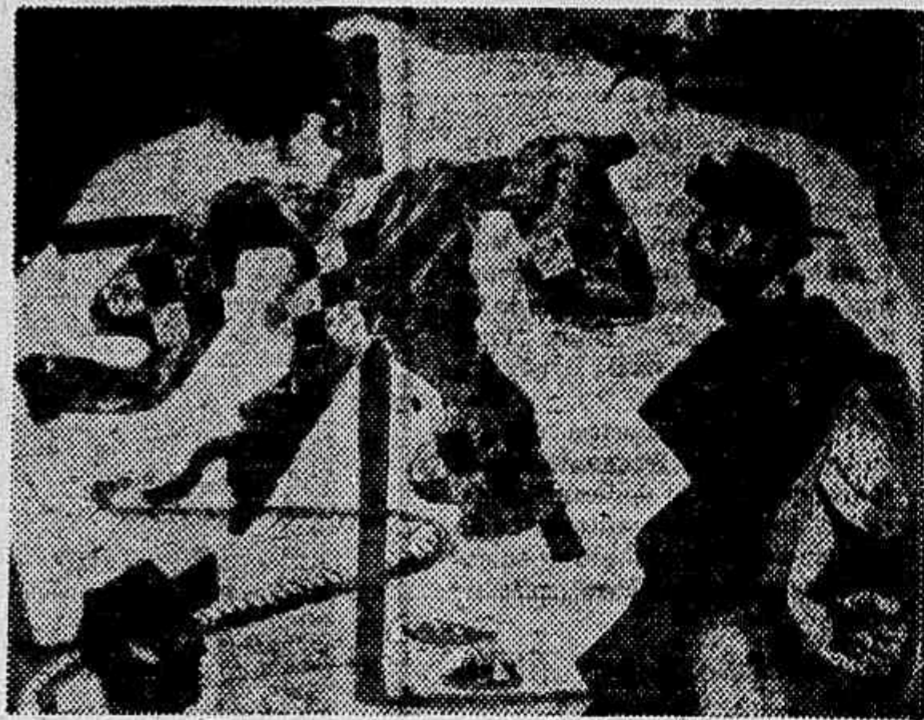
Depois desse veneno vulgar, V. pretende me incompatibilizar com os meus patrões, dizendo que não gosto de trabalhar. Qualquer crítico — mesmo aqre-

les que são pouco sutis — percebe que o sentido dos meus versos não é esse que V. mesquinamente lhes deu. O que faço no poema que tanto o incomoda — quero explicar-lhe pacientemente — é protestar contra o esmagamento do homem diante dos imperativos da sociedade atual, que impedem se manifestem, em toda a sua pureza, as forças de criação do artista. Se não desejo trabalhar da maneira como o faço, não quer isso dizer que eu não seji um autêntico proletário intelectual, exercendo minhas atividades em vários lugares. Além, V. está farto de saber que o meu regime de trabalho é de estafante "full time". Não tenho sinecuras, Alcantara, como outros senadores da imprensa e da vida. Não sou um folgão padrão Z-2.

Ei só, meu caro. Vou agora reencontrá-lo, não mais como uma figura caricatural de uma revista, como a réplica vivida do personagem de Pericles, mas nas páginas de seu livro "Gente da França". Prefiro discuti-lo como escritor a censurá-lo como qualquer lavadeira intrigante. Como qualquer comadre disponível e irresponsável.

MARIO.

10 de maio de 1948.



PORTINARI, POR LELIO LANDUCCI — É sempre razão de maior interesse o que se publica sobre o nosso maior pintor. E maior a razão se a obra consegue ficar os aspectos mais expressivos de sua vigorosa produção, e traz como essa excelente "Pinquim", ora lançada, um texto de valor crítico, como o que a completa, da autoria de Lelio Landucci. É um esplêndido ensaio, dando-nos uma síntese precisa dos grandes marcos da evolução do grande artista, trabalhado num estilo vivo e esclarecedor. Como complemento a esse estudo, panorâmico da carreira de Portinari, segue-se preciosa série de gravuras escolhidas em várias épocas, representativas do seu processo criador e das múltiplas fases alcançadas no decorrer de suas incessantes pesquisas. O que torna o pequeno album excepcional como contribuição de artes gráficas nacionais, é a qualidade das reproduções coloridas, de rara beleza, equivalentes às boas gravuras estrangeiras. É um prazer a contemplação daquele trabalho, pelo elevado padrão alcançado, graças à inteligência e dedicado esforço de Lelio Landucci, a quem louvamos aqui. Na gravura, reprodução de "Sol, de Cândido Portinari".

A Academia Paulista de Letras e os jornalistas

A Academia Paulista de Letras que raramente aparecia nos jornais agora tem visto seu nome focalizado por várias vezes. Ainda outro dia a agremiação — imitando o Rotary Club — reuniu os jornalistas num almoço para lhes dizer de sua gratidão e de seu apreço pela simpatia e pela ajuda que eles têm dispensado às suas atividades litero-científicas.

Soudou os homens da imprensa o acadêmico Roberto Moreira — um dos grandes oradores paulistas — de cujo discurso transcrevemos o seguinte trecho: — "No perijudismo paulista, finalmente, há pouco lugar para os jornais de escândalo, para os órgãos da erapulice literária, para as folhas estercoárias e refeces, por onde vertem os libelistas impenitentes a sua bilis nauseabunda. Aretino nunca encontrou em São Paulo clima propício às suas retaliações infamantes. Foram sempre de duração efêmera, entre nós os papulchus engendrados pela sua maledicência. E se as estátuas de Pasquino ou de Marfório por aí se estadelam alguma vez, maculadas de spurcicelas literárias, ou de torpes baldões difamatórios, são logo varridas pelas reações da decência e relegadas à vala comum dos despejos suburbanos, onde se vão diluir na podridão dos detritos as infâmias rabiscadas nas suas protuberâncias."

Não é tal e qual o Rui da campanha presidencial? Aliás, Roberto Moreira fez questão de citar a Águia de Hala para quem a imprensa é "a presença do disco solar no horizonte da consciência humana".

O Prefeito e as obras de artes

Anuncia um vespertino que o prefeito de São Paulo resolveu recolocar nas praças e ruas os monumentos e obras de arte que se amontoavam num depósito público. A distribuição das estátuas far-se-á de acordo com o seguinte critério: o monumento "Mercurio" será colocado numa praça situada no Alto de Pinheiros; o "Lutador" sobre o gramado do Pacaembú; a estátua de João Mendes para a praça que tem o seu nome; "Augustus" irá para o ponto terminal da Avenida Paulista; "Diana" irá para a Praça Guadalupe; o "Ceifador" para a praça Cornélio; "Diana" (outra estátua) será colocada no saguão da Biblioteca; também o Parque Infantil de Tatupé e a praça Oscar em Vila Guilherme serão aquilinhados com umas estatuazinhas.

Ai fica a notícia. Esperemos pela sua efetivação.

Um curso no Museu de Arte

O professor Eduardo de Oliveira França, lente de História Moderna e Contemporânea da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, terminou o curso que estava dando — no Museu de Arte — sobre "Fundamentos históricos da Renascença e do Barroco".

O curso que constou de dez aulas foi muito frequentado por todos quantos se dedicam ao assunto, um público entusiasmado que ouvia com atenção e tomava nota como se fosse gente de colégio.

Os vereadores e a Biblioteca Municipal

Um dos mais ilustres vereadores da Câmara Municipal de São Paulo apresentou uma emenda ao seu Regimento Interno pela qual ficou permitido, a ele e aos seus colegas, retirar da Biblioteca Municipal e levar para casa os livros que bem entenderem. Não contente com esta heresia o mesmo vereador — dias depois — apresentou à Câmara um projeto estendendo a mesma regalia a outras autoridades enumeradas na sua proposição.

Por um dos artigos deste projeto o pessoal poderá levar os livros para casa e lê-los durante o prazo de 60 dias, "prazo que se reputa automaticamente vencido



ALCANTARA SILVEIRA

e a restituição exigível se, decorridos quinze dias, o consulente depositário for informado de que a obra está sendo procurada para consulta na sede da Biblioteca."

Não sabemos se tal projeto foi ou não aprovado, o que não interessa, porque o nosso fim foi simplesmente mostrar a sede de saber de que foram tomados os vereadores paulistanos e que, por ganharem pouco, não têm dinheiro para comprar livro.

Escritores em viagem

Estão na Argentina o crítico Luiz Washington e o poeta Jamil Almansur Haddad que para lá foram a fim de ver de perto o que existe com a Antártida. Luis Washington é o criador da fila da crítica: quando ele não quer criticar um livro chega-se para o autor e diz entre sorrisos: "meu caro, seu livro está na fila!" E o autor pode desistir de ler o rodapé literário do "Diário de São Paulo".

Ignora-se o motivo pelo qual os artigos do poeta Haddad têm saído publicados no "Estado de São Paulo" sob o pseudônimo de Antonio Victor Ferreira. Será algum personagem de romance?

As obras completas de Amadeu Amaral

O Instituto Progresso Editorial ("IPE") e a família de Amadeu Amaral encarregaram o sr. Paulo Duarte de organizar, para publicação, as obras completas daquele escritor paulista.

Todas as pessoas que quiserem colaborar na execução desta empresa — seja fornecendo inéditos

do poeta, livros ou publicações esparsas ou extraviadas — deverão procurar o sr. Paulo Duarte na redação de "O Estado de São Paulo" ou no escritório do Instituto Progresso Editorial.

Inútil será engrandecer o valor de tais contribuições que virão mostrar a muitos paulistas o valor de um escritor nosso, cujo nome já ia — muito injustamente — caindo no olvido e na obscuridade.

O novo livro de Tavares de Miranda

Chama-se "Voz em ergástulo" o novo livro de poemas de Tavares de Miranda. A demora da sua publicação é devida ao fato de os linotipistas ficarem lendo os versos, estasiados, em vez de os imprimirem.

Museu de Arte Moderna

Graças aos esforços e à dedicação do sr. Francisco Matarazzo Sobrinho, São Paulo terá em breve o seu Museu de Arte Moderna que, ao lado do Museu de Artes, dotará a capital de dois grandes centros de cultura.

O Museu de Arte Moderna, um dos ramos da Fundação de Arte Moderna, que também abriga o Clube de Cinema, o Clube dos Artistas e Amigos da Arte e outras instituições artísticas, será uma realidade depois que tiver sua sede própria, na qual permaneçam telas de Picasso, Braque, Lhote, Modigliani etc... E enquanto isto não acontece o seu organizador não descausa e — segundo informa Sergio Milliet — em breve trará para São Paulo alguns quadros da

galeria Drouhin, de Paris. Será uma exposição de arte abstrata que muito dará o que falar não somente aos pintores e críticos de pintura, mas principalmente aos leigos que ficarão escandalizados.

São Paulo vai, deste modo, dando grandes passadas em prol de sua cultura artística. E por falar nisto, convém salientarmos também os projetos da Sociedade de Cultura Artística de São Paulo que pretende dotar a Capital, em breve, de uma casa de espetáculos, de concertos, de exposições de artes plásticas, de tão permanente necessidade entre nós. Principalmente de teatros é que o paulistano está necessitado pois apenas temos dois: o Santana e o Municipal que não mais comportam o público que os frequenta. A Prefeitura prometeu transformar alguns cinemas em teatros, mas a promessa nunca foi cumprida. Enquanto isto, nossos conjuntos amadores — melhores do que companhias oficializadas pelo Ministério da Educação — continuam ensaiando, à espera de vaga.

Mais um congresso

Já se cogita da realização do II Congresso Paulista de Escritores, agora na cidade de Jau, sob orientação da Associação Brasileira de Escritores (seção de S. Paulo). O principal objetivo deste certame será auscultar o pensamento e as aspirações dos escritores domiciliados no interior do Estado que assim se porão em contato direto com os colegas da capital, com oportunidade de travar e estreitar

relações, realizar intercâmbio de idéias e concertar as atividades individuais no sentido de melhor defesa dos interesses profissionais.

Já foi escolhida uma comissão que se encarregará da organização do conclave, do qual constará — dentre outras coisas — uma exposição de pintura e outra de livros, aquela sob orientação de Adelnir Martins e esta organizada pela Casa de Cultura de Jau.

Como se sabe o I Congresso Paulista de Escritores foi realizado em Limeira e para se avaliar o vulto de seus resultados será bastante a leitura de seus Anais que a seção paulista da Associação Brasileira de Escritores publicou.

Conferência de Sergio Milliet

Sergio Milliet, que outro dia regressou de Curitiba, para onde voou em companhia de José Geraldo Vieira, a fim de fazer uma conferência sobre pintura, já está de malas prontas novamente. Desta vez a cidade visitada será Botucatu, onde o ensaísta falará sobre "Os Tetrarcas de 22", assunto de sua especialidade.

A conferência, que será feita sob o patrocínio da Universidade Popular de São Paulo — um dos frutos do I Congresso Brasileiro de Escritores — é dedicada aos associados do Centro Cultural daquela cidade.

Em companhia do conferencista viajarão o presidente da A. B. D. E. paulista, Antonio Cândido, Mario Neme, Cruz Costa e Antonio D'Elia, que assim farão uma visita de cordialidade aos consócios do Núcleo Municipal de Botucatu.

Surge um crítico

Consta que José Geraldo Vieira — atualmente às voltas com a tradução de Pirandello — vai assinar a crítica literária de "Jornal de Notícias". Tomo nota e aviso os leitores: de agora em diante precisamos ler esse jornal aos domingos.

Dinheiro para o Congresso de Poesia

Foi apresentado, na Câmara Municipal de São Paulo, um projeto de lei concedendo o auxílio de Cr\$ 20.000,00 ao I Congresso Paulista de Poesia. Muito bem.

Convém registrar que a proposta não partiu de nenhum poeta, romancista ou crítico literário, mas de um médico, o dr. Reynaldo Smith de Vasconcelos, a quem devemos ser gratos. (Quem sabe se o dr. Smith de Vasconcelos não tem seus versos guardados? Quem nos diz que ele não é um bom poeta, melhor do que muitos que já apareceram em livro?)

Espera-se agora que a Assembléia Legislativa imita o gesto da Câmara Municipal.

Homenagem a Rognoni

Sob o patrocínio do sr. Consul da França será realizado um espetáculo em homenagem a Raymond Rognoni, da "Comédie Française", que em breve regressa à pátria.

Do programa constarão monólogos e fábulas de La Fontaine recitados por Rognoni, declamação a cargo da sra. Cecília Simonsen e do sr. Raymond Maurel do "Théâtre de la Porte Saint Martin", de Paris, canções por Germaine Sablon, "divertissements" por solistas do Curso de Danças Clássicas da prof. Maria Olenewa, e finalmente a representação de "La Nuit de Décembre", de Alfred Musset e "Deux Couverts" de Sacha Guitry.

Helen — a querida cronista da "Folha da Manhã" — no dia seguinte à representação, encarregar-se-á de descrever os modelos de Schiaparelli, Marcel Rochas ou Maggy Rouff que envolverão os corpos das paulistanas nessa noite de gala.

Correspondência

C. C. J. — Muito obrigado pelos aplausos endereçados a esta seção. Infelizmente a sua "inscrição" sobre Luis Martins além de velha é sem sal. Mand-me outra.



Acontecimento que está tendo profunda repercussão nos meios artísticos do Brasil e que não podemos deixar passar em silêncio, é a exposição de pintura de Lasar Segall nas salas da Associated American Artists em Nova York. Reproduzimos acima uma das telas do notável pintor, um dos grandes pioneiros da arte moderna no Brasil.

2 POEMAS DE HENRI MICHAUX

(Tradução de Celina Aguirre)

Intervenção

Antigamente eu tinha muito respeito pela natureza. Ficava em frente às coisas, às paisagens, e deixava fazer o que entendessem.

Agora, nada disso! Vou logo interferindo.

Estava, então, em Honfleur e me aborrecia a valer. Pensei e deliberadamente botei lá um pouco de camelo. Não parece ser muito indicado, mas não tem importância, foi a idéia que me veio. Na verdade foi com muita cautela que a pus em prática. Introduzi-os, primeiro, nos dias de grande afluência, aos sábados, na Praça do Mercado. O congestionamento foi indescritível e os turistas diziam: "Cruzes, que mau cheiro! que gente fedorenta esta gente daqui!" A exalação ganhou o porto onde quase derrotou o cheiro do camarão. Saía-se da multidão cheio de poeira de pelos que não se sabia de onde vinham.

E à noite, que barulho as patadas dos camelos que tentavam pular as comportas, gong! gong! no metal e no madeirame!

A invasão dos camelos prosseguiu com firmeza e segurança.

Ja se começava a ver os nativos de Honfleur a espreitar, a todo instante, com aquele olhar desconfiado tão característico dos camelleiros que examinam sua caravana para ver se nada falta e se podem continuar a viagem; mas eu tive que deixar Honfleur no quarto dia.

Tinha lançado também um trem cheio de passageiros. Saía a toda velocidade da Praça da Matriz e avançava resolutamente sobre o mar sem se preocupar com o peso do material e seguia sempre a frente, sustentado pela fé.

Foi pena, tive que ir-me embora! Mas duvido muito que a calma retorne tão cedo àquela pequena cidade de pescadores, de mariscos e camarões.

De cama

A doença de que sofro me condena à cama, a imobilidade absoluta. Quando o tédio toma proporções excessivas que acabarão por me desequilibrar se ninguém intervier, eis o que faço:

Arrebento e achato meu crâneo, espalho tudona minha frente, o mais longe possível, e, quando está tudo bem liso, faço sair minha cavalaria. As patas dos cavalos ressoam nítidas naquele solo firme e amarelado. Os pelotões já saem no trote e se põem a patear, e corcovar. E este tropel, este ritmo marcado e múltiplo, este ardor que respira o combate e a Vitória, encantam a alma daquele que, preso à cama, não pode fazer nenhum movimento.



Ilustração de VAN ROGGER

SHAKESPEARE E A ANGUSTIA DESTES NOSSOS TEMPOS

BEZERRA DE FREITAS

O ANO de 1623 marcou o aparecimento do livro mais notável das letras inglesas — a primeira coleção in-fólio das peças de William Shakespeare. Compunha-se a coleção de quatorze comédias, dez histórias trazendo nomes de reis ingleses e onze tragédias. Mas, até hoje, sabemos apenas do autor o que nos revela a tradição biográfica mil vezes repetida. O século dezoito pôs em dúvida a autoria das peças de Shakespeare. Essa tese, de feição universitária e acadêmica, parece ter sido abandonada, e o que de fato surpreende é a resistência daquelas peças à corrosão do tempo, a força misteriosa que envolveu e glorificou grandes atores do século passado como Edwin Booth, Henry Irving, Mojeska e Salvini. A crítica inglesa e norte-americana, cada vez mais ativa em nossos dias, sugere problemas de toda a ordem: as fontes da inspiração shakespeariana, a qualidade fundamental das suas peças, os excessos da sua energia criadora. Segundo John Macy, o processo literário de Shakespeare consistia em genialmente revestir os esqueletos com a carne da sua linguagem vivacíssima. Outra é, entretanto, a versão de Christopher Morley, no famoso prefácio às Obras Completas, de Shakespeare, livro editado na América do Norte, de acordo com o

COLABORAÇÃO DE FRANÇA

(conclusão da 4.ª pag.)

que se eleva ao nível que pode e deve atingir". São Paulo é a prova de que o Brasil é capaz desse esforço: "magnífica oficina de trabalho e de negócios". Possa essa cidade, diz Paul Bastid, servir de exemplo e de escola!

Como se vê, as impressões dos viajantes franceses são diferentes, mas têm todas o seu interesse. Demonstram todas a sedução que o Brasil nunca deixa de exercer sobre os que o visitam, seja pela beleza das suas paisagens, seja pela amabilidade da sua população. E têm todas um denominador comum: o que mais impressiona o viajante é o esforço brasileiro, é a edificação sob os trópicos de uma civilização das mais avançadas, e isso pela atividade e pelo trabalho do homem. Em suma, quer os cronistas insistam sobre as dificuldades e os erros, ou ao contrário sobre as realizações, o que registram é o nascimento de uma nova Grande Potência, que cedo ocupará o lugar que merece no concerto das nações.

texto de Cambridge, por William Aldis Wright.

O prefácio de Morley tem a forma original de Carta a um leitor. Ele divide os leitores de Shakespeare em duas classes: os que lêem o dramaturgo inglês antes dos 40 anos e os que o lêem depois daquela idade. Os primeiros julgam Shakespeare uma massa clássica desumanizada, os segundos, homens já experimentados, pensam, por sua vez, experimentá-lo.

Christopher Morley procura orientar a mocidade sem o tom grave de um school-master, utilizando-se de imagens e conceitos modernos:

"Sua atenção, habituada à baixa voltagem da prosa moderna, quebra-se um fustel ora aqui, ora ali e, com isto, V. ficará saturado, a princípio, da enorme quantidade de riqueza verbal do autor. V. terá de se lembrar de que é realmente uma linguagem invulgar. (Não sabemos, ao certo, como era a sua pronúncia; provavelmente, revelava um forte sotaque do condado de Warwick, sobrecarregado com as tonalidades do "cockney". A cidade de Stratford, por exemplo, é a denominada "Stratford". Tenho fortes suspeitas de que até o seu próprio nome era pronunciado como "Shaxper". Se nós o ouvíssemos, em conversa, provavelmente o julgaríamos um australiano. Não leve a sério tudo quanto afirmo nesta carta. Estou procurando interessá-lo. A coisa mais importante que V. descobrirá em Shakespeare é que ele assemelha muito a V. Todos notam isso."

A despeito de considerar Shakespeare, não o gênio de uma época, mas de todos os tempos, Ben Jonson era de opinião que o criador de Hamlet deveria ter suprimido mil linhas em sua obra, pensamento em evidente antagonismo com o de Christopher Morley, que assinala, em Antonio e Cleopatra, o extraordinário poder de síntese do autor, que pôde descrever toda a situação nas treze linhas iniciais.

De outro lado, os estudantes de Shakespeare vão desbravando caminhos na grande selva da sua

obra e descobrindo com admiração continua "o quanto ele já se tornou parte deles", na expressão de Morley. Aparições súbitas de fantasmas, duendes, espíritos maus, tudo isso é puramente simbólico no teatro shakespeariano, gerando, por isso mesmo, uma questão singular — a de saber se o próprio Shakespeare acreditava, de fato, nessas coisas.

O livro de Walter Bagelot, modesto comerciante inglês, sobre Shakespeare, o Homem, escrito em 1583, impôs a Christopher Morley o reexame da tese relativa à idade para a leitura e compreensão do poeta da humanidade. Assim, escrevendo sobre os Sonetos, afirma Bagelot que estes são a leitura ideal "para um jovem na primavera da vida, no meio dos campos verdes e da frescura do ar" (for a young man in the spring of the year, among green fields and in gentle air). Mas, os Sonetos encerram coisas que um homem muito jovem provavelmente não poderá sentir em toda a sua plenitude, sendo assim necessários os quarenta invernos para essa compreensão, os invernos "que me persuadem de que eu sou". Os Sonetos, de Shakespeare, não eram adocicados, no sentido puramente lírico, mas trabalhados com extrema sutileza, claros emotivos, majestosos:

For thy sweet love remember
[ber'd such wealth brings
That then I scorn to change
[my state with kings

Como crítico, Morley se revela, ao mesmo tempo, possuído de louvável tolerância e extremamente rígido. Sob esses aspectos, seu pensamento pode ser assim resumido: ninguém deveria ter permissão para escrever sobre Shakespeare, a não ser que já houvesse tentado, e embora humildemente, escrever versos e montar peças; em suma, se houvesse revelado capaz de sentir a vida que Shakespeare levou na taverna, na caixa do teatro e na casa de cômodos. Professores e acadêmicos, habituados a gozar uma vida confortável, educaram-se para expulsar da sua mente o mundo selvagem, escarnecedor e desesperador, de um espírito como o de Shakespeare. Os escolásticos salvaram o texto,

mas os grandes comentadores — os Johnsons, os Coleridges, os Hazlitts, os De Quinceys, fortemente presos ao passado, têm sido na sua maioria aqueles que levaram uma vida desordenada em Grub Street e o compreenderam pela adivinhação. Sem dúvida um dos espíritos mais impressionantes da obra de Shakespeare é a diversidade de juízos a que ela se presta, sob a sua feição educacional — chegando, em certa época, a provocar a sua exclusão dos livros escolares ingleses — e a arrancar do famoso gramático Murray o conceito pessimista e revoltado de que ela causava "feridas mortais à inocência, à bondade e à religião da mocidade". Certo, o professor Murray se rebelou contra o gênio que condensou na sua obra todos os sentimentos e heroísmos humanos, porque no seu coração estuava a alegria da vida, alcançando-o a esferas diferentes daquelas a que alude Shakespeare:

"We are such stuff
As dreams are made on, and
[our little life
Is rounded with a sleep.

Mas, a grande preocupação da crítica, em nosso tempo, consiste em saber até que ponto a obra de Shakespeare se adapta a nós ou a sua universalidade à nossa universalidade. Christopher Morley cita um exemplo, extraído daquela extraordinária cena de Henry V (ato 4.º) em que o Rei Henrique, numa campanha, na França, desconhecido e disfarçado com uma capa emprestada, encontra três soldados — um inglês, um escocês e um irlandês — cena que nos emociona quando, repentinamente, percebemos o que a imaginação de Shakespeare está realizando — um inquerito sobre as forças expedicionárias da época. Ali vemos o soldado exposto as suas idéias, justamente como já o fizera nas trincheiras do Somme; e, ainda, discutindo a pergunta, ainda sem resposta, ou seja, se o governo tem o direito de convocar cidadãos civis para um argumento tão sanguinário.

Explosões de amor ou de ciúme, sátiras, mentiras, adulações, distâncias à ciência política, luxúria, avareza, bondade, ino-

cência, ódio, egoísmo, com esses e muitos outros elementos Shakespeare bateu as estacas "onde medraram as glórias mortais". Cada alegoria, cada personagem, cada peça de Shakespeare, pela sutileza e sagacidade dos seus enredos, presta-se a análises profundas sobre as intenções do autor.

Devemos insistir sobre o ponto principal da carta de Morley. Percebe-se com facilidade, que um dos seus objetivos é demonstrar a atualidade de Shakespeare. Assim, quando lemos o verso — As vossas espadas são atualmente demasiado pesadas para as vossas forças — logo notamos não somente Ariel zombando dos amotinados, mas também uma crítica à nossa civilização mecanizada, e, dessa forma, colaboramos com o autor.

A leitura da carta de Christopher Morley convence-nos de que há imensa hipocrisia no que nos dizem: e se afirma sobre Shakespeare, pois sabemos que poucos espíritos maduros realmente o lêem. Todos nós somos inconscientemente escolásticos shakespearianos. Há muito tempo, ele se tornou mais importante para nós do que tudo quanto escrevem, transformando-se num legítimo símbolo das angústias e do triunfo do espírito humano.

ANDRÉ MAURAU

(conclusão da 7.ª pag.)

nho da insubmissão nada real significa, em sua essência, senão a consciência e a aceitação do fim.

Isso o próprio Cláudio expressou, ao afirmar, referindo-se à sua posição de homem só, que "a aceitação da ordem do homem sem deus e sem filhos" era "a sujeição mais profunda à morte".

E não se trata aqui, como podemos ver, do fim como um fato biológico, comum a todos os homens. Morrer, todos os homens podem, sem que, no entanto, suas vidas deixem de ser uma permanente resistência à morte.

A morte, nos heróis de "Voto Royale", consiste mais na consciência dela própria, na aceitação, e na sua presença vivida dia a dia no isolamento.

Por isso, Perken, na proximidade do fim, sentiu que "nenhum homem havia morrido, jamais; haviam passado como as nuvens que em seguida se esfumam no céu, como a selva, como os templos. Só ele ia morrer, ente desgarrado".

Isso porque, para ele, a morte era algo diferente daquilo que, por exemplo, podia resultar de uma punhalada ou de uma bala no ventre.

Era, nas palavras de Cláudio, "a outra morte, a que está em nós outros".

BALADA A EL REY SOL



Ilustração
de
NOEMIA

(Conta-se que, no século XVI, Manuel Branco em viagem de São Paulo para Lisboa ofereceu um presente a El Rey, presente que consistia num cacho de bananas fundido em ouro).

VIM DE LONGE, PELA GRAÇA
DE VOS TRAZER ESTA OFERTA.
A TERRA MAL DESCOBERTA
EM PRODUÇÃO AINDA É ESCASSA.
POSTO QUE VERDE, É DESERTA.

DE PRESENTE QUE VOS TRAGO
SÃO FRUTAS COLONIAIS, FRUTO
DO SUOR QUE SUA O HOMEM BRUTO
E NÃO TEM NADA DE MAGO
E MUITO MENOS DE ASTUTO.

SÃO FRUTAS COLONIAIS, FEITAS
DE OURO MACIÇO, ESCULPIDAS
E DE TAL MODO REUNIDAS
EM CACHO, QUE SÃO PERFEITAS.
ALÉM DO MAIS, ESCOLHIDAS.

CEM NEGROS, EM MANHÃS CLARAS,
FUNDIRAM ESTE TESOURO.
GENTE QUE LÁ, NAS GRUPIARAS,
ARRANCA AS JÓIAS MAIS CARAS.
ESCRAVOS QUE SUAM OURO.

EM NOME DESSES VASSALOS
É QUE HOJE VOS OFEREÇO,
(MAS PARA VER SE MEREÇO
VOSSA GRAÇA DE ACEITÁ-LOS)
FRUTOS DE TÃO ALTO PREÇO.

E QUANTAS LUTAS INGRATAS
NA VIAGEM QUE HOJE TERMINA.
ASSALTARAM-ME UNS PIRATAS
QUE ROUBAM OUROS E PRATAS;
PIORES QUE OS DO MAR DA CHINA.

"QUE LEVAS NO TEU CARGUEIRO
A NAVEGAR MEIO TORTO?
COM ESSE POBRE VELEIRO
VIAJARÁS UM ANO INTEIRO
NÃO CHEGARÁS AO TEU PORTO".

E EIS — AOS VOSSOS PÉS DEPONHO —
COMO OSCURO HERÓI EM SÉRIE
O CACHO DE OURO QUE O SONHO
ENTRE CHORADO E RISONHO
SALVOU DA RUDE INTEMPÉRIE.

ESTE CORAÇÃO SUSPENSO
É O QUE OFERECER-VOS POSSO
MAS DE OURO, E DE BRILHO IMENSO,
POIS SO' ASSIM — É O QUE PENSO —
IRA' COMOVER O VOSSO.

DIREI O QUE SIGNIFICA:
SO' QUANDO DE OURO SE COBRE,
A DOR FAISCANDO FICA;
A LÁGRIMA, QUANDO RICA,
CONVENCE MAIS DO QUE POBRE.

ASSIM, PARA VOSSO AGRADO,
MEU PRESENTE É DE OURO ILUSTRE.
O MAIS CRU' SIGNIFICADO
FICA SUAVE SE DOURADO
SOB O REFLEXO DE UM LUSTRE.

(NA CÔRTE. ALVOS ROSTOS GLABROS
OBSERVAM A MARAVILHA
QUE TÃO RUDEMENTE BRILHA.
.....
FAISCAM OS CANDELABROS).

CASSIANO RICARDO